

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



MEMORIAS

DE

UM SARGENTO DE MILICIAS.

POR

UM BRASILEIRO.

TOMO II.



PELOTAS.

TYP. DO COMMERCIO DE JOAQUIM F. NUNES,

RUA DA IGREJA N. 62.

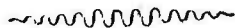


1862.

MEMÓRIAS

DE

UM SARGENTO DE MILÍCIAS.



CAPÍTULO I.

A COMADRE EM EXERCÍCIO.

Os leitores devem estar lembrados de que o nosso antigo conhecido, de quem por algum tempo nos temos esquecido, o Leonardo-Pataca, apertára-se em laços amorosos com a filha da comadre, e que com ella vivia em santa e honesta paz. Pois este viver santo e honesto deu em tempo opportuno o seu resultado. Chiquinha (era este o nome da filha da comadre) achou-se de *esperanças* e prompta a dar á luz. Já veem os leitores que a raça dos Leonardos não se ha de extinguir com facilidade. Leonardo-Pataca não perdia por modo algum aquellos habitos de ternura com que sempre o conhecemos, e nas actuaes circumstancias, quando elle via ás portas da vida um fructo do seu derradeiro amor, crescia-lhe n'alma aquella violenta chamma do costume; o pobre homem ardia todo por dea-

tro e por fóra, e desfazia-se em carinhos para com sua companheira.

Chegou finalmente o dia de apparecer o desejado resultado: ao amanhecer manifestára os primeiros symptomas. Leonardo levantou logo uma poeira em casa: andava de dentro para fóra pretendendo fazer mil cousas, e sem fazer cousa alguma, atrapalhado e tonto. Mandou chamar a comadre, que prompta acudiu ao chamado, e começaram-se a arranjar os preparativos. Talvez alguns leitores tenham idéa do mundo infinito de arranjos que naquelle tempo se punha em gyro em semelhantes occasiões. A primeira cousa a que o Leonardo-Pataca providenciou foi a que se mandassem dar as nove badaladas no sino grande da Sé. Esta pratica só costumava ter logar quando a parturiente se achava em perigo, porém elle quiz prevenir tudo a tempos e a horas. Mandou-se depois pedir á vizinha, pois por um descuido imperdoavel não havia em casa, um ramo de palha benta; a comadre trouxe um par de bentinhos da Senhora do Monte do Carmo que tinham grande reputação de milagrosos, e o lançou ao pescoço da Chiquinha. Pôz a palha benta ao lado da cabeceira; na sala improvisou-se um oratorio com uma toalha, um copo com arruda e uma imagem de Nossa Senhora da Conceição de louça, enfeitada com cordões de ouro. Chiquinha, para nada esquecer das regras estabelecidas, amarrou á cabeça um lenço branco, metteu-se embaixo dos lençóis e começou a rezar ao santo de sua devoção. A comadre assentou-se aos pés da cama em uma banquinha, e desunhava tambem em um grande rosario, observando entretanto a Chiquinha, e interrompendo-se a cada instante para dar ordens ao Leonardo-Pataca, e responder ao que fóra

do quarto se dizia.

Leonardo-Pataca, depois de tudo arranjado, quando viu que a única coisa que restava era *esperar a natureza*, como dizia a comadre, poz-se em menores, quero dizer, despiu os calções e o collete, ficou em seroulas e chinellas; amarrou á cabeça, segundo um antigo costume, um lenço incarnado, e poz-se a passear na sala de um lado para outro, com uma cara de fazer dó: parecia que era elle e não Chiquinha quem se achava com dôres de parto. De vez em quando parava á porta do quarto que se achava cerrada; lançava para dentro um olhar de curiosidade e medo, e abanando a cabeça murmurava:

— Não sirvo para isto.... estas cousas não se dão com o meu genio.... Estou a tremer como se fosse o negocio comigo....

E realmente a cada gemido forte que partia do quarto o homem estremecia e fazia-se de mil côres.

Dentro do quarto a comadre exhortava a padecente, pouco mais ou menos nestes termos:

— Não vos façais de criança, menina.... isso não é nada... é um pão por um olho.... Não tarda ahi um Bemdito, e estais já livre. Estas cousas na minha mão andão depressa. Verdade seja que é o primeiro, e isto causa seu medo, mas não é cousa que valha estares agora tão desanimada; é preciso também ajudar a natureza. « Faze da tua parte que eu te ajudarei ! » São palavras de Jesus Christo.

A padecente estava porém a morrer de susto: nem se moveu á exhortação da comadre. Entretanto o tempo ia passando, e a pobre rapariga a soffrer; já lhe tinha a comadre arranjado

de um modo diverso os bentinhos no peito, já tinha inclinado mais sobre a cama a palma benta, e ainda nada de novo. O Leonardo-Pataca começava a impacientar-se; de vez em quando chegava á porta do quarto, e perguntava com voz esmorecida:

— Então ?...

— Compadre, respondia a comadre, já lhe disse que não é bom a quem está neste estado estar ouvindo voz de homem: esteja calado e espere lá.

Continuava o tempo a passar: a comadre sahiu do quarto e veio acender uma nova vela benta a Nossa Senhora, e depois de uma breve oração voltou ao seu posto. Tirou então do bolso da saia uma fita azul comprida e passou-a em roda da cintura da Chiquinha; era uma medida de Nossa Senhora do Parto. Depois disse com ar de triumpho:

— Ora agora vamos a ver, porque isto já não vai do meu agrado.... Mas a culpa também é sua, menina, já lhe disse que é preciso ajudar a natuzeza. Passou-se ainda algum tempo. De repente a comadre gritou para fóra:

— O' compadre, dê cá lá uma garrafa....

O Leonardo-Pataca obedeceu promptamente. Ouviu-se então dentro do quarto o som que produziria uma boca humana a soprar com toda a força dentro de alguma cousa. Era Chiquinha que por ordem da comadre soprava a morrer de cansaço dentro da garrafa que esta mandára vir.

— Com força, menina, com bem força, e Nossa Senhora não desampara os fieis. Animo; isto o mais que succede é uma vez por anno. Desde que nossa mãe Eva comeu aquella maldita fruta ficámos nós sujeitas a isto.. « Eu multiplicarei os

trabalhos de teu parto. » São palavras de Jesus Christo !

Já se vê que a comadre era forte em historia sagrada.

Ao Leonardo-Pataca tremião-lhe cá fóra tanto as pernas, que não pudera mais continuar no passeio, e achava-se sen-
gado a um canto com os dedos nos ouvidos.

— Soprai, menina, continuava sempre dentro a comadre, soprai com Nossa Senhora, soprai com S. João Baptista, soprai com os Apostolos Pedro e Paulo, soprai com os Anjos e Serafins da Corte Celeste, com todos os Santos do paraíso, soprai com o Padre, com o Filho e com o Espirito Santo.

Houve finalmente um instante de silencio, que foi interrompido pelo choro de uma criança.

— Ora lá vai o mão tempo, exclamou a comadre; bem dizia eu que isto não era mais do que um pão por um olho.... Ah! Sr. compadre, chegue, que é agora a sua vez, venha ver a sua pecurrucha....

-- E' uma pecurrucha !... exclamou o Leonardo-Pataca fóra de si; ora isto é de bom agouro, porque com o outro que sahiu macho não fui feliz.

Rescendeu então pela casa um agradavel cheiro de alfazema; a comadre veio á sala, apagou as velas que estavam acesas a Nossa Senhora; foi depois desatar a fita da cintura da Chiquinha e tirar-lhe do pescoço os bentinhos.

A recém-nascida, enfraldada, encoeirada, encinteirada, entoucada e com um móelho de figas e meias luas, signos de Salomão e outros preservativos de mãos-olhados presos ao cinteiro, passava das mãos de Chiquinha para as do Leonardo-Pataca, que não cabia em si de contentamento; era uma

fôrmosa criancinha, em tudo o opposto de seu irmão paterno o nosso amigo Leonardo, mansa e risonha.

O Leonardo-Pataca recorreu immediatamente á folhinha para ver que nome trazia a menina; porém como este lhe não agradasse, travou logo com Chiquinha uma questão a respeito do nome que se lhe devia dar.

A comadre aproveitou-se disso para dar conta dos ultimos arranjos, e depois envergou a mantilha e sahio para acudir a outras necessitadas.

CAPITULO II.

TRAMA.

Como esta scena que acabamos de pintar tinha a comadre muitas outras todos os dias, porque era uma das parteiras mais procuradas da cidade; gozava grande reputação de muito entendida, e ainda nos casos mais graves era sempre a escolhida com os seus milagrosos bentinhos, a palma benta, a medida de Nossa Senhora, a garrafa soprada, e com a invocação de todas as legiões de santos, de seraphins e de anjos livrava-se ella dos maiores apertos. E ninguem lhe fosse dar regras, que as não ouvia, nem do physico-mór, se nisso se mettesse; era só olhar para uma mulher de *esperanças*, e dizia-lhe logo sem grande trabalho o sexo, o tamanho do filho que trazia nas entranhas, e com uma pontualidade miraculosa o dia e hora em que teria de ver-se desembaraçada; até ás vezes, por certos signaes que só ella conhecia, chegava a dizer qual seria o genio e as inclinações do ente que ia ver a luz. Já se vê que esta vida era trabalhosa e demandava sérios cuidados; porém a comadre dispunha de uma grande somma de actividade; e, apesar de gastar muito tempo nos deveres do officio e na igreja, sempre lhe sobrara algum para

empregar em outras cousas. Como dissemos, ella havia tomado a peito a causa dos amores de Leonardo com Luizinha, e jurára pôr José Manoel, o novo candidato, fóra da chapa.

Começou pois a occupar o seu tempo disponivel nesse grave negocio, e movia uma intriga surdissima e constante contra o rival de seu afilhado. Gozando da intimidade e do credito de D. Maria, não perdia junto della occasião de desconceituar José Manoel, o que era-lhe tanto mais facil quanto elle prestava-se a isso, e D. Maria, de espirito demandista e chicaneiro, dava o cavaco por um mexerico. Eis-aqui uma das que ella armou ao adversario.

Todos sabem nesta cidade onde é o Oratorio de Pedra; mas o que todos talvez não saibão é para que serviu elle em outros tempos. Sem duvida naquelle oratorio havia a imagem de algum santo, e o povo *devoto* ia ali rezar? Exactamente. Mas porque é que hoje não continúa essa pratica, porque apenas se conserva sobre a parede aquellá especie de guarita de pedra, sem imagem alguma, sem luz á noite, e diante da qual passam todos irreverentemente sem tirar o chapéo e curvar o joelho? Primeiro que tudo extinguiu-se isso pela razão porque se extinguirão muitas cousas boas daquelle bom tempo; começárão todos a aborrecer-se de achá-las boas, e acabárão com ellas. Depois houve a respeito do Oratorio de Pedra muito boas razões policiaes para que elle deixasse de ser o que era.

O leitor, que sem duvida sabe muito bem de quanto erão nossos pais crentes, devotos e tementes a Deus, se admirará talvez de ler que houve razões policiaes para a extincção de um oratorio. Entretanto é isso uma verdade, e se fosse ainda

vivo o nosso amigo Vidigal de quem já tivemos occasião de fallar em alguns capitulos desta historieta, poderia dizer quanto garoto pilhou em flagrante delicto, ali mesmo aos pés do oratorio, ajoelhado, constricto e beato.

Quando passava a Via-Sacra e que se acendia a lampada do oratorio, o pai de familia que morava ali pelas vizinhanças tomava o capote, chamava toda a gente de casa, filhos, filhas, escravos e crias, e láo fazer oração ajoelhando-se entre o povo diante do oratorio. Mas se acontecia que o incauto devoto se esquecia da filha mais velha que se ajoelhava um pouco mais atrás e embebido em suas orações não estava á lerta, succedia-lhe ás vezes voltar para casa com a familia dizimada: a menina aproveitava-se do ensejo, e sorrateiramente escapava-se em companhia de um devoto que se ajoelhára ali perto, embulhado no seu capote, e que inda ha dous minutos todos tinham visto entregue fervorosamente ás suas supplicas a Deus.

Aquillo era a execução do plano concertado na vespera ao cahir de Ave-Marias, através dos postigos da rotula. Outras vezes; quando estavam todos os circumstantes entregues á devoção, e que a ladainha entoada a compasso enchia aquelle circuito de contricção, ouvia-se um grito agudo e doloroso que interrompia o hymno; corrião todos para o logar donde partira, e achavão um homem estendido no chão com uma ou duas facadas.

Não levamos ainda em conta as innocentes caçadas que a todo o instante fazião os gaiatos. Eis-aqui pois porque, além de outros motivos, dissemos que tinham havido razões polici-

aes para que se acabasse com as piedosas praticas do Oratorio de Pedra.

No tempo em que se passavão as scenas que temos narrado ainda o Oratorio de Pedra estava no galarim. Um ou dous dias depois do nascimento do segundo filho de Leonardo-Pataca correu pela cidade a noticia de um grande escandalo que se passára nesse logar classico dos escandalos: uma moça, que vivia em companhia de sua mãe, velha rica e devota, indo com ella rezar junto ao Oratorio, na occasião da passagem da Via-Sacra, fugira, tendo levado consigo um pé de meia preta contendo uma boa porção de peças de ouro. Fallara-se muito no caso, não porque fosse naquelle tempo cousa de estranhar-se, mas porque havia um mysterio no successo: ninguém sabia com quem tinha fugido a moça.

D. Maria, como todos, estava anciosa por ver deslindada a questãe, quando lhe appareceu em casa a comadre que a vinha visitar.

D. Maria estava sentada na sua banquinha, tendo diante de si uma enorme almofada de renda carregada com seis ou seteduzias de bilros, e esmerava-se em fazer um largo pegamento. A seu lado, sentada em uma esteira, cercada por uma porção de negrinhas, crias de D. Maria, estava Luizinha também occupada em fazer renda.

Quando a comadre entrou, D. Maria largou immediatamente a almofada do collo, tirou do nariz e pôz na testa um par de oculos de áros de prata com que trabalhava, e começou logo por tocar no caso que a preoccupava. A comadre fez signal que mandasse retirar Luizinha e as mais crianças; e a conversa caminhou livremente.

— Então que me diz, senhora, da desgraça da pobre velha? Criar a gente uma rapariga com todo o carinho, e no fim ter aquella recompensa !... no meu tempo não se vião cousas destas...

— Que quer; Senhora ? respondeu a comadre; pois foi ali, nas barbas de todos. Não havia um instante que ella havia chegado com a velha, e que se tinham todas duas ajoelhado ao pé de mim...

— Ao pé da comadre ? Pois a comadre estava lá ?...

— Estava... que antes não estivesse...

— Mas o diabo, senhora, accrescentou D. Maria, é ninguém saber quem foi o maldito que fugiu com ella...

— A comadre interrompeu, dando uma risadinha sardonica.

— Tenho perguntado a todos, e ninguém sabe dizer-me.

— E' porque todos estavam cegos...

— Como ?

— Mas não o estava eu, por mal de meus peccados, que antes estivesse...

— Pois viu e sabe com quem foi... disse D. Maria, remexendo-se de prazer em cima da banquinha.

A idéa de poder saber de uma novidade que todos ignoravam encheu-a de contentamento.

— Mas então quem foi, vamos; quero saber quem foi o ladrão da moça e do dinheiro....

— Só lhe direi, respondeu a comadre depois de alguma hesitação, se me prometterdes guardar todo o segredo, que o caso é muito serio.

— Ora bem sabe que eu... é o mesmo que cahir a'um poço.

Apezar de estarem sós, a comadre inclinou-se ao ouvido de

D. Maria, e disse-lhe o mais baixinho que pôde:

— Foi o nosso grande camarada... a boa peça do José Manoel....

— O que é que diz, comadre ?

— Vi, respondeu esta, arregalando com dous dedos os olhos, com estes que a terra ha de comer... Se elles estavam ao pé de mim...

D. Maria ficou por algum tempo muda de estupefacção.

CAPÍTULO III.

DERROTA.

Aquellas ultimas palavras da comadre produzirão sobre D. Maria o effeito de um raio: a velha remexeu-se na banquinha, tomada do maior desapontamento.

— Ora comadre, exclamou depois da primeira emoção, esta não lembra ao diabo... por isso eu sigo a regra antiga de me não fiar em cousa que traz calções... Sasa... que esta pôz-me sal na moleira.

A comadre, vendo estas boas disposições, aproveitava-se dellas para fazer melhor o seu papel, e respondeu:

— Pois tambem o que se havia de esperar de um sujeito como aquelle?... um homem que não abre a boca que não minta... que tem uma lingua de Lucifer?... Quem contasse com aquillo era mesmo para se perder.

— E' verdade, senhora; nunca vi mentiroso, nem maldizente maior.....

Nunca D. Maria até então tinha encontrado em José Manoel as qualidades que agora lhe descobria tanto em relevo.

— Se eu fosse parente da rapariga havia pôr uma demanda ao tal diabo que o havia ensinar.... Por isso é que elle me não apparecia por cá ha tanto tempo..... andava cuidando nos seus arranjos.

Mal tinha D. Maria acabado de pronunciar estas ultimas palavras quando se ouviu bater á porta, e a voz de José Manoel pedir licença.

— Ahi está elle... segredo... não quero que se saiba que fui eu, disse a comadre apressada.

— Ora, respondeu D. Maria, eu cá para isso sou boa.

José Manoel entrou. D. Maria, que não costumava guardar o que sentia, recebeu-o friamente; a comadre porém fez-lhe um rasgado cumprimento.

— Seja bem apparecido, disse, bons olhos o vejão.

— Tenho andado ahi occupado com alguns arranjos.....

— Arranjos... disse D. Maria trocando com a comadre um olhar significativo.

José Manoel, innocente em tudo, ficou pasmo, sem entender o que queria aquillo dizer; entretanto, segundo o costume, não perdeu occasião de armar uma peta.

— Sim, uns arranjos, accrescentou; houve um negocio muito serio em que estive mettido, e que me ia dando bem que fazer; sinto não lhe poder contar, porque é segredo.

A comadre fez um gesto, como quem queria dizer — ahi vem uma peta; D. Maria, porém, que estava preoccupada pela conversa que ha pouco tivera, entendeu que José Manoel se referia ao roubo da moça; e abanando a cabeça, disse por entre os dentes:

-- Hum..., entendo...

A comadre estremeceu temendo que D. Maria não dêsse com a lingua nos dentes, e que a questão do roubo da moça tivesse de ser averiguada em sua presença; porque nesse caso seria ella apanhada em flagrante mentira, e estava tudo perdido. Começou portanto a provocar a José Manoel a que declarasse qual era o negocio sério em que estivera mettido; contava com algumas das petas continuadas, e assim se desviaria a conversa do ponto que ella não queria ver tratado em sua presença.

Deixemo-la nesse empenho lutar com as negações e fingidos mysterios de José Manoel.

Desde o dia em que Leonardo fizera a sua declaração amorosa, uma mudança notavel se começou a operar em Luizinha, a cada hora se tornava mais sensivel a differença tanto do seu physico como do seu moral. Seus contornos começavam a redondar-se; seus braços, até ali finos e sempre cahidos, engrossavão-se e tornavão-se mais ageis; suas faces magras e pallidas, enchião-se e tomavão essa côr que só sabe ter o rosto da mulher em certa época da vida; a cabeça, que trazia habitualmente baixa, erguia-se agora graciosamente; os olhos, até aqui amortecidos, começavão a despedir lampejos brilhantes; fallava, movia-se, agilava-se.

A ordem de suas idéas alterava-se tambem; o seu mundo interior, até então acanhado, estreito escuro, despovoado, começava a alargar os horizontes, a illuminar-se, a povoar-se de milhões de imagens, ora amenas, ora melancolicas, sempre porém bellas.

Até então indifferente ao que se passava em torno de si parecia agora participar da vida, de tudo que a cercava; gas-

lava horas inteiras a contemplar o céu, como se só agora tivesse reparado que elle era azul e bello, que o sol o illuminava de dia, que se recamava de estrellas á noite.

Tudo isto dava em resultado, pelo que diz respeito ao nosso amigo Leonardo, um augmento consideravel de amor; tambem elle foi o primeiro que deu fé daquellas mudanças em Luizinha. Entretanto, apesar de lhe crescer o amor nem por isso lhe nascião mais esperanças

Depois da declaração não se tinhã adiantado nem mais uma pollegada, e a unica talvez que o alentava, era um certo rubor que subito subia ás faces de Luizinha quando acontecia (raras vezes) que se encontrassem os olhos della com os seus. A somma total destas addições era uma raiva que lhe crescia n'alma, augmentando todos os dias de intensidade contra José Manoel, a quem em seus calculos attribuia todo o seu atrazo.

Dadas estas explicações, voltemos a dar conta do resto da scena que deixámos suspensa.

A força de instancias a comadre conseguiu que José Manoel referisse qual o negocio de alto segredo em que se tinha echado envolvido.

— Pois bem, disse elle finalmente, se promettem toda a discrição, contarei.

— Ora, nem tem que recommendar isso.

Com as negaças e mysterios que tinha guardado até então, José Manoel não fizera mais do que ganhar tempo para imaginar a mentira que havia de pregar: a comadre contava com isso.

Elle começou:

— Saibão Vms. que fui um destes dias chamado a palacio...

— Ui ! exclamou a comadre.

— Ah! está o resultado, disse D. Maria; mas não se pagão na outra vida, é mesmo nesta.

— Resultado de que ? perguntou José Manoel surpreso.

— De nada; continue.

José Manoel enfiou então tomando por thema aquellas primeiras palavras que lhe tinham vindo á boca, uma mentira muito sem sabor, que nós poupamos aos leitores. Não forão porém satisfeitas as vistas da comadre, que queria desviar a conversa do furto da moça.

Terminada a historia, José Manoel começou a instar com D. Maria para que lhe dêsse explicação das palavras duvidosas que ha pouco havia dito a seu respeito. A comadre, assim que viu o negocio neste pé, foi tratando de retirar-se, depois de trocar com D. Maria um olhar que queria dizer: — não me comprometta.

D. Maria a principio quiz sustentar o segredo; afinal não se pôde conter, e soltou contra José Manoel uma grande aliantina, dizendo que toda a cidade estava cheia do horroroso escandalo que elle acabava de commetter roubando uma filha familia.

O homem foi ás nuvens, e jurou e tresjurou que estava innocente em tudo aquillo. Nada porém lhe valeu.

D. Maria foi inflexivel.

Protestou de novo que se ella fosse parenta da moça o Snr. José Manoel se havia de ver em calças pardas com o negocio; e terminou por dar-lhe a entender que elle era um homem muito perigoso para ser admittido em uma casa de familia.

José Manoel sabiu completamente corrido e scismando em

quem poderia ter sido o autor de semelhante intriga.

Quanto a D. Maria, ficou muito satisfeita, pois tendo no seu character um grande fundo de honestidade, julgava ter feito uma boa acção rompendo com José Manoel, que ficára com effeito, como o calculára a comadre perdendo muito no seu conceito.

CAPITULO III.**O MESTRE DE REZA.**

Tudo que ultimamente se passára em casa de D. Maria havia posto a andar á roda a cabeça de José Manoel; conheceu que tinha ali inimigo, fosse quem fosse, pois que aquillo não passava certamente de intriga que lhe tinham armado. Restava-lhe porém saber quem seria esse inimigo; e por mais que dêsse voltas ao miolo não atinava com elle. Pelo genero da intriga conheceu que a causa do que lhe fazião era seguramente a sua pretensão a respeito de Luizinha, que sem duvida tinha sido percebida; começou a suspeitar que tinha de haver-se com um rival. Na roda que frequentava a casa de D. Maria ninguém via que lhe parecesse poder estar nesse caso: passou-lhe muitas vezes pela lembrança o moço Leonardo; porém achava-o incapaz de se metter nessas cousas.

Assim são os velhacos !! Quantas vezes estão tocando o inimigo com as mãos, e não o vêem, e não o sentem !

Partisse porém donde partisse o golpe que o ferirá, o caso é que fôra dado certo, e a duas mãos.

D. Maria, extremosa em suas affeições, como em seus odios, consentiria com immensa difficuldade na rehabilitação de José Manoel; entretanto elle não esfriou por isso, e pôz mãos á obra. Por uma singularidade, assim como Leonardo tinha achado na comadre uma protectora á sua causa, tambem José Manoel achou um procurador para a sua.

Vamos já dizer aos leitores quem era o procurador de José Manoel.

Havia no tempo em que se passam estas scenas *instituições* muito curiosas no Rio de Janeiro; algumas são notaveis por seu fim, outras por seus meios. Entre essas umas havia de que ainda em nossa infancia tivemos occasião de ver alguns des-
foços, era a instituição dos mestres de reza.

O mestre de reza era tão acatado e venerado naquella tempo como o proprio mestre de escola; além do respeito ordinariamente tributado aos preceptores, dava-se uma circumstancia muito notavel, e vem a ser que os mestres de reza eram sempre velhos e cegos. Não eram em grande numero, por isso mesmo viviam portanto em grande actividade, e ganhavam soffrivelmente. Andavam pelas casas a ensinar a rezar aos filhos, crias e escravos de ambos os sexos.

O mestre de reza não tinha traje especial: vestia-se como todos, e só o que o distinguia era ver-se-lhe constantemente fóra de hum dos bolsos o cabo de uma tremenda palmatoria, de que andava armado, compendio unico por onde ensinava a seus discipulos.

Assim que entravam para a lição reunia em um semi-circulo diante de si todos os discipulos; puxava do bolso a tremenda

querula, collocava-a no chão, encostada á cadeira onde se achava sentado, e começava o trabalho.

Fazia o mestre em voz alta o pelo-signal, pausada e vagorosamente, no que o acompanhavão em côro todos os discipulos. Quanto a fazerem os signaes era elle quasi sempre logrado, como facilmente se concebe, porém pelo que toca á repelição das palavras, tão pratico estava que, por maior que fosse o numero dos discipulos, percebia no meio do côro que havia faltado esta ou aquella voz, quando alguém se atrevia a deixar-se ficar calado. Suspendia-se então immediatamente o trabalho, e o culpado era obsequiado com uma remessa de bôlos, que de modo nenhum dosmentião a reputação do que goza a pancada de cego. Feito isto, recommençava o trabalho, voltando-se sempre ao principio de cada vez que havia um erro ou falta. Acabado o pelo-signal, que com as diversas interrupções que ordinariamente tinha gastava boa meia hora, repetia o mestre sózinho sempre e em voz alta e compassada a oração que lhe aprazia; repetião depois o mesmo os discipulos do primeiro ao ultimo, de um modo que nem era fallado nem cantado; já se sabe, interrompidos a cada erro pela competente remessa de bôlos. Depois de uma oração seguia-se outra, e assim por diante, até terminar a lição pela ladainha cantada.

Ao sahir recebia o mestre uma pequena esportula do dono da casa.

D. Maria, tendo em sua casa um numero não pequeno de crias, não se dispensava de ter, como todos que escravão em suas circumstancias, o seu mestre de reza. Era este um cego muito afamado pelo seu excessivo rigor para com os discipulos, e por consequencia um dos mais procurados; nesse tempo

exigia-se antes de tudo essa qualidade. Tinha também outro merito: corria a seu respeito a fama de bom arranjador de casamentos.

Eis-ahi o procurador de José Manoel.

José Manoel já antes o tinha posto de mão, e agora que se viu em perigo recorreu a elle; expôz-lhe o caso, communicou-lhe suas intenções, e pediu-lhe a sua cooperação. Fez-lhe sentir sobretudo que havia um rival a combater, e muito temível, pois que não era conhecido. O velho começou então a tomar as mais minuciosas informações, e depois de calcular por algum tempo disse:

— Já sei com quem me tenho que haver....

— Então com quem é?... acudiu José Manoel apressado.

— Vá descansado, não se importe com o resto.

— Mas, homem, olhe que é preciso muito cuidado; porque, quem quer que é, é fino como os trezentos.....

— Ora qual... historias desses arranjos entendo eu dormindo, e vejo nisso, sendo cego, melhor do que muitos com seus olhos perfectos.

— E' uma cousa que me põe á roda o miolo não poder descobrir quem se intromette nos meus negocios... olhe que a entrega do furto da moça foi de mestre.

— Eu também sou mestre, e veremos quem ensina melhor. Ficarão os dous nisto; e o cego pôz mãos á obra.

Devemos prevenir ao leitor que a causa em semelhantes mãos, se não se podia dizer decididamente ganha, pelo menos ficava arriscada; e o que vale é que do outro lado estava a comadre.

O velho começou o seu trabalho em regra: logo na primeira

noite que foi dar lição á casa de D. Maria começou por fazer cahir a conversa a respeito do roubo da moça, e deu a entender que sabia do caso e conhecia perfeitamente quem tinha sido o autor d'elle. D. Maria disse tambem que sabia quem era, o que até o conhecia muito. O velho sorriu-se, deixando apenas escapar em tom de duvida um significativo — Qual.... — D. Maria franziu o sobr' olho, levantou os oculos e exclamou:

— Pois então pensa que eu ando atrazada nestas cousas?... Ora deixe-se... Sei quem foi, e sei muito e muito bem. E' um pedaço de mariola com cara de sonso, que só me ha de morar em casa se eu algum dia fôr carcereira.

— E' isso tudo, mas a Sra. D. Maria não conhece o homem digo-lhe eu, que tambem ando ao facto deste negocio todo.

— Bem sei bem sei... mas olhe que eu tambem soube de parte muito certa... e não ha nada mais facil do que ver quem está enganado... Diga lá o senhor quem foi.

— Oh ! não ! isso nunca, exclamou apressadamente o velho pondo-se em pé; nada, eu cá não quebro segredo de ninguem.

D. Maria remexeu-se toda de afflicção; e por mais que instasse nada pôde arrancar do velho que, para fazer melhor o seu papel, foi-se logo retirando, dando assim a entender que queria cortar a conversa naquelle ponto.

Quando mais não tivesse conseguido, o velho tinha ao menos lançado a duvida no espirito de D. Maria a respeito do facto, que era para ella a pedra e escandalo contra José Manoel.

CAPITULO IV.**TRANSTORNO.**

Emquanto todas estas cousas se passavão, um triste successo, e da mais alta importancia, veio alterar a vida de Leonardo, ou transtorna-la mesmo: o compadre cahiu gravemente enfermo. A principio a molestia pareceu cousa de pouca monta, e a comadre, que foi a primeira chamada, pretendeu que todo o incommodo desappareceria dentro de dous dias, tomando o doente alguns banhos de alecrim. Nada porém se conseguiu com a receita; o mal continuou. Recorrêrão então a um boticario conhecido da comadre, que juntára ao seu mister, não sabemos se com permissão das leis ou sem ella, o mister de medico.

Era um velho, filho do Porto, que aqui se viera estabelecer ha muitos annos, e que ajuntára no officio boas patacas. Apenas chegou e viu o doente declarou que em poucos dias o poria de pé; bastava que elle tomasse umas pilulas que lhe ia mandar da sua botica: erão um santo remedio, segundo dizia, mas custavão um bocadinho caro, porém valia a vida de

um homem. A comadre quando ouviu fallar em pilulas fran-
ziu a testa.

— Pirolas, disse comsigo; então o negocio é sério; e eu,
que tenho má fé com pirolas; ainda não vi uma só pessoa que
as tomasse que escapasse.

E avermelhárão-se-lhe immediatamente os olhos.

O boticario retirou-se levando comsigo o Leonardo, que
trouxe as pilulas. A comadre, olhando para ellas, abarou a
cabeça.

— Ora, disse, eu pensei que elle mandasse dar alguns ban-
hos; cá por mim com alecrim havia de pol-o bom.

A comadre tinha razão até certo ponto, pois que no fim de
tres dias, depois de feitos todos os preparos religiosos, o com-
padre deu alma a Deus.

D. Maria tinha sido chamada nesse mesmo dia, e compare-
ceu com Luizinha e com todo o seu batalhão de crias; tinham
vindo tambem algumas outras pessoas da vizinhança.

Estavão todos sentados em um grande canapé, na varanda,
e conversavão muito entretidos sobre os objectos mais diver-
sos; algumas achavão mesmo na conversação motivo para boas
risadas; de repente abriu-se a porta do quarto, e a comadre
sahiu de dentro com o lenço nos olhos, soluçando desabrida-
mente e repetindo em altos gritos:

— Bem dizia eu que tinha pouca fé nas pirolas; está para
ser o primeiro que eu as veja tomar e que escape... Coitado
do compadre... tão boa creatura... nunca me constou que fi-
zesse mal a ninguem...

Estas palavras da comadre forão o signal de rebate dado á
dôr dos que se achavão presentes; desatou tudo a chorar, e

cada qual o mais alto que podia. O Leonardo soffreu um grande choque, e no meio do seu atordoamento encolheu-se em cima do canapé com a cabeça sobre os joelhos, chegando-se, *naturalmente* sem o querer, porque a dôr o perturbava, o mais perto possível de Luizinha. Continuarão as mais no seu côro de pranto dirigidos pela comadre; mas não se contentavão só com o pranto, soltavão também algumas vezes exclamações em honra do defunto.

— Sempre foi muito bom vizinho, nunca tive escandales d'elle, dizia uma.

Era a vizinha que augurava máo fim ao Leonardo, e com quem o compadre brigára por este motivo umas poucas de vezes.

— Boa alma, dizia D. Maria, boa alma; havia de ser como elle quem quizesse ter boa alma.

— Eu que lidei com elle, dizia a comadre, é que sei o que elle valia; era uma alma de santo n'um corpo de peccador.

— Bom amigo...

— E muito temente a Deus...

Prolongada esta scena por algum tempo, despedirão-se algumas pessoas, outras ficarão ainda. Foi serenando o pranto, e dahi a pouco D. Maria, enxugando ainda os olhos, explicava detalhadamente a uma outra senhora que se achava junto della a historia genealogica de cada uma de suas crias que se achavão presentes.

Finalmente retirárão-se todos, excepto D. Maria, a sua gente e a comadre, que estava desde que o compadre adoecêra tomando conta da casa.

Approximou-se a noite; acenderão-se velas junto do defun-

to; fizeram-se todos os mais arranjos do costume.

D. Maria e a comadre começaram a conversar, porém baixinho.

Então, senhora, principiou D. Maria, este homem não havia morrer assim sem ter feito seu testamento; pois elle não havia de querer deixar no mundo o afilhado ao desamparo para os ausentes se gozarem do que a elle lhe custou tanto trabalho.

— A mim, respondeu a comadre, nunca me fallou em semelhante cousa; mas enfim, como isso são lá negocios de segredo... talvez.

— Seria bom procurar-se; talvez em alguma gaveta por ahí se ache; é impossivel que o *defunto não dispuzesse sua vida*; bem vezes lhe aconse-lhei eu semelhante cousa.

— Tem razão, D. Maria, eu acho tambem que deve haver alguma cousa.

E foram as duas tratar de procurar o testamento nas gavetas de uma grande commoda que havia no quarto do defunto. Em quanto nisso se occupavão, Luizinha e Leonardo conversavão, ou antes cochichavão, como se diz vulgarmente. O que elles se dizião não posso dizel-o ao leitor, porque o não sei; sem duvida a rapariga consolava o rapaz da perda que acabava de soffrer na pessoa do seu amado padrinho.

Finalmente as duas achárão com effeito um testamento, e ficarão com isso muito satisfeitas.

Voltarão á varanda e surprenderão os dous no melhor da sua conversa. A comadre vendo-os sorriu-se, e D. Maria, fazendo sem duvida a respeito do que estavão elles fallando o mesmo juizo que nós, disse enternecida:

— Ella tem muito bom coração!

— E o delle não é peor, respondeu a comadre.

E accrescentou com intenção:

— Estava um bom casál.

— Oh! senhora, disse D. Maria com ingenuidade, deixe a menina, que ainda é muito cedo...

— Tambem não digo já, mas a seu tempo.

D. Maria sorriu-se com um sorriso de quê a comadre não desgostou. Mudarão de conversa.

Passou-se a noite; no outro dia sahio o enterro com todas as formalidades do estylo. Depois disso tratou-se de resolver uma importante questão: para a companhia de quem iria o Leonardo? A abertura do testamento feita nesse mesmo dia resolveu a questão. O compadre havia instituido a Leonardo por seu universal herdeiro. A comadre informou de semelhante cousa ao Leonardo-Pataca, e este apresentou-se para tomar conta de seu filho. Não pareceu o rapaz muito satisfeito com a graça: não sei como veio-lhe á idéa aquelle pontapé que o fizera fugir de casa; além disso rarissimas vezes vira depois disso a seu pai, e estava completamente desacostumado delle. Não havia porém outro remedio; foi preciso obedecer e acompanhá-lo para casa, onde encontrou sua pequena irmã, e quem a puzera no mundo.

O Leonardo-Pataca começou a cuidar no testamento como homem entendido na materia, e em pouco tempo deu volta a tudo aquillo.

Cumpre notar que se em vida do compadre corrião boatos que parecião exagerados a respeito do que elle possuia, quando morreu pôde ver-se que esses boatos tinham ainda ficado

muito áquem da verdade, pois deixára elle um bom par de mil cruzados em especie. Entregues alguns legados de pouca monta, etc. tudo o mais veio a cair nas mãos do Leonardo-Pataca como herança de seu filho.

Nos primeiros dias tudo forão flôres por casa de Leonardo-Pataca, ainda que, para fallar a verdade, desde a primeira vista não sympathisára muito o moço Leonardo com a cara do objecto dos novos e ultimos cuidados de seu pai.

A comadre assentou que devia substituir ao compadre no amor pelo afilhado, e determinou-se a vir morar com elle em casa de Leonardo-Pataca; assim ficava também reunida á sua neta. O Leonardo-Pataca, que era condescendente, esteve pelo caso, e reuniu-se desse modo á familia toda.

Tudo forão flôres a principio, como dissemos; o moço Leonardo e a comadre continuárão as suas visitas por casa de D. Maria; e digamol-o já, o rapaz e a rapariga ião pondo as mangas de fóra; verdade seja que José Manoel trabalhava ajudado do seu cego mestre-de-reza, e não perdia também as esperanças.

Pouco tempo durou o socego em casa de Leonardo-Pataca; Chiquinha (tal era o nome da Ilha da comadre) começou a embirrar com o seu filho adoptivo; este que, como dissemos, não sympathisára muito com ella, começou uma balburdia de todos os peccados. Todos os dias travavão-se por qualquer ponta, e lá ia tudo pelos ares. O Leonardo-Pataca e a comadre fazião o papel de conciliadores, mas os dous erão ambos altanadissimos, e muitas vezes o conciliador sahia mal servido, porque aquelle a quem não dava razão se revoltava contra elle. Se era por exemplo a comadre, e dava razão a Leo-

nardo. acudia a filha queixando-se de que sua mãe a abandonava para tomar o partido do afilhado: se pelo contrario dava razão a Chiquinha, acudia o Leonardo queixando-se de que desgraçado era o filho sem mãe, pois nunca achava quem lhe desse razão. Outro tanto acontecia ao Leonardo-Pataca quando se mettia a apaziguar os dous.

Os negocios assim vão mal, pois mais dia menos dia haveria grande barulho em casa.

CAPITULO VI.

PEIOR TRANSTORNO.

Um dia o Leonardo recolhêra-se para casa muito mortificado, pois que tendo ido visitar D. Maria estivera com ella longo tempo sem que Luizinha lhe tivesse apparecido; de maneira que lhe fôra forçoso no fim de algumas horas retirar-se sem vê-la. Quem já teve um namoro, por menos serio que seja, e que levou um logro destes; quem se viu obrigado a aturar por muito tempo a conversação de uma velha, tendo de concordar com ella em tudo e por tudo para não incorrer-lhe no desagrado, só com o fim de trocar com *alguem* um olhar rapido, um sorriso disfarçado ou outra cousa assim, e que por fim de contas nem isso mesmo conseguiu, ha de concordar que o Leonardo tinha toda a razão de estar ardendo com o que lhe succedêra, e o desculparia de qualquer arrebatamento que na occasião o acommettesse. Ha espiritos porém de tal maneira *serrazinas*, que se divertem em augmentar a irritação alheia, e que quando mais enfiado pilhão um infeliz, tanto mais gostão de atirar-lhe alfinetadas.

Chiquinha, a amante de Leonardo-Pataca, era de um genio assim; e depois que moravão todos juntos, não perdia uma só dessas occasiões em virtude da antipathia que tinha ao rapaz, para fustigar de lingua ao pobre Leonardo. Este, de um genio colerico e pouco acostumado a ser contrariado, ia as nuvens com semelhante cousa; e se em occasiões ordinarias em que estava de bom humor erão constantes as brigas em casa, calcule-se o que não faria nas occasiões como naquella a que nos referimos, que estivesse cheio de razões, e então por que motivo! Vendo Chiquinha entrar o Leonardo pela porta dentro de cara amarrada e sem dar — *Deus te salve* — a ninguém, sorriu-se com malignidade e concertou a garganta, dizendo entre dentes:

— Melhor cara traga o dia de amanhã.

Leonardo, que percebera o que aquillo queria dizer, fez um gesto arrebatado sentando-se em uma cadeira, porém com tanta infelicidade, que atirou ao chão uma almofada de renda que se achava junto d'elle: com a quêda rebentárão-se os fios, e uma porção de bilros rolou pela casa. Por maior infelicidade ainda a almofada era de Chiquinha, e Chiquinha tinha grandes ciumes pela sua almofada. Levantou-se ella do seu logar já fervendo de raiva; poz as mãos nas cadeiras, e balançando a cabeça á medida que fallava, exclamou:

— Ora dá-se um desaforo de tamanha grandeza?... vir da rua com os seus azeites, todo esfogueteado, e de proposito, e muito de proposito, fazer-me o que estão vendo, só para me desfeitear, como se fosse aqui um dono de casa que pudesse desfeitear a qualquer sem que nem para que!...

Leonardo ouvia tudo sem interromper, procurando sopear

a raiva; e enquanto Chiquinha tomava folego, respondeu com voz tremula e intercoitada:

— Não se metta com a minha vida, porque eu também não me importo com a sua; se estou com os azeites....

— Ah bom covado e meio! atalhou Chiquinha, ah bordo da náó!... ah major Vidigal!...

— Já lhe disse....

— Qual já lhe disse, nem meio já lhe disse!... namorado sem ventura....

Estas palavras fizeram o effeito de uma fиска em um barril de pólvora. Avançou o Leonardo para Chiquinha com os punhos cerrados e espumando de colera.

— Se me diz mais meia palavra.... perco-lhe o respeito.... eu nunca lhe dei confiança; e apesar de ser a senhora lá o quer que é de meu pai.... perco-lhe o respeito....

— Você sempre mostra que tem raça de saloio, disse Chiquinha empertigando-se e sem recuar um passo.

O Leonardo-Pataca, que estava no interior da casa, acudiu apressado ao barulho, e veio achar os dois ainda em attitude hostil; vendo o filho quasi não quasi desfeitear o adorado objecto de seus derradeiros affectos, não trepidou em desbaratar com elle.

— Pedaco de mariola.... pensas que isto aqui é como a casa de teu padrinho donde sahiste.... quero aqui muito respeito a todos.... do contrario.... se já uma vez te dei um pontapé que te fiz andar muitos annos por fóra, dou-te agora outro que te ponha longe daqui para sempre....

Nunca pensei, interrompeu Chiquinha dirigindo-se ao Leonardo-Pataca, querendo afear mais o caso; nunca pensei que

na sua companhia se viesse a soffrer semelhante cousa....

— Não faças caso, menina, isto é um pedaço de mariola a quem hei de ensinar; por causa de ninguem dou-lhe eu uma roda, se não por tua causa...

— Por causa della !... atalhou o rapaz; tinha que ver ! ha de lhe dar bom pago; tão bom como a cigana....

— Mas nunca lhe hei de dar, acudiu Chiquinha enfurecida com este insulto; nunca lhe hei de dar o que lhe deu tua mãe....

Com isto o Leonardo-Pataca desacoreçou completamente; que diluvio de amargas recordações não fizeram tão poucas palavras cahir sobre sua cabeça !

— Espera, maltrapilhó, espera que te ensino, exclamou vermelho de colera; espera que te ensino....

E entrando repentinamente no quarto da sala, sahio de lá armado com o espadim do uniforme, e investiu para o filho. Convem dizer que o espadim ia embainhado.

— Não se ponha a perder por minha causa, exclamou Chiquinha agarrando-o pela camisola de chita com que elle estava vestido.

Era inutil porém o medo de Chiquinha, porque o rapaz, vendo que o negocio ia-se tornando feio, tendo-lhe ficado um terror instinctivo do pai depois daquelle pontapé que nunca lhe sabira da memoria, tinha-se posto ao fresco na rua, fechando a rotula sobre si.

— Ah ! maroto, disse ainda o Leonardo-Pataca, que te havia desancar....

O Leonardo que fugia por um lado e a comadre que entrava por outro, pois estivera ausente durante toda a scena. Apenas

foi largando a mantilha e viu os dous actores que tinham ficado em scena ainda nas posições do ultimo quadro, tratou de indagar qual fôra o drama que se acabava de representar.

— Ora foi uma das costumadas do afilhado dos seus amores, respondeu Chiquinha, ainda não socegada.

— Porém ia-lhe sabindo cara desta vez, acudiu Leonardo-Pataca.

— Pois devêras atalhou a comadre indignada; pois devêras o compadre estava armado de espada para dar no rapaz ?

— Olá ! que levava tão duro como osso !

Mas então porque ? quantas mortes fez elle de uma vez ? onde é que pôz fogo na casa ? Triste cousa é um filho sem mãe !... Aposto que se eu cá estivesse nada havia de succeder ?...

— Sim, respondeu Chiquinha, porque logo havia de tomar as dores por elle, segundo é seu costume. Ahi está; muitos filhos teem mãe, e entretanto ellas servem-lhe para isto: tomam as dores por outros, e deixão-nos de banda.

— Qual ! historias ! é que tudo leva seu bocado de máo caminho.

— Oh ! senhora ! atalhou Leonardo-Pataca, se isto vai assim, não ha um momento de socego nesta casa; acabada uma, começa outra; o que não ha de dizer esta vizinhança ? Olhem que isto aqui é casa de um Official de Justiça.

— Mas emfim, disse a comadre, onde está o rapaz ? onde é que o enterrão ?

— Sabiu por ali desencabrestado, e tomára que cá não volte.

— Ora es. . . herito ! Oh ! mas isto não pôde ser assim; cor-

rerem com o rapaz de casa para fóra!... Elle não é nenhum desgraçado, pois sempre tem o que lhe deixou seu padrinho.

— Essas e outras é que o puzerão a perder.

— Sim, mettão-lhe fumaça de rico na cabeça, e hão de ver no que dá.

— Coitado, disse lamentando a comadre, aquelle nasceu com má sina.

E tomando de novo a mantilha, sahio com as lagrimas nos olhos em procura de Leonardo.

Ao sahir escoravão-na á janella tres ou quatro vizinhas.

— Então o que é que fizerão ao moço?

— Que foi isso, Sra. comadre?

— Elle passou por aqui pondo dez leguas por hora.

— Deixe-me, deixe-me, respondeu a comadre, que isto não acaba bem.

CAPÍTULO VII.

REMÉDIO AOS MALES.

O pobre rapaz sahira, como dissemos, pela porta fóra, e caminhando apressadamente olhava de vez em quando para trás, pois julgava ver ainda enristado contra si o espadim com que o pai o ameaçára, que parecia com elle querer acabar a obra que com um pontapé começára. Andou a bom andar por largo tempo, e foi dar comsigo lá para as bandas dos Cajueiros: cansado, offegante, sentou-se sobre umas pedras, e quem o visse com ar tristonho e pensativo julgaria talvez que elle scismava na sua posição e no caminho que havia tomar. Pois enganava-se redondamente quem tal julgasse: pensava em cousa muito mais agradável; pensava em Luizinha. Pensando nella não podia, é verdade, abster-se de ver surgir diante dos olhos o terrivel José Manoel; e isto explicava certos movimentos de impaciencia que de vez em quando se lhe podião observar. Tinha gasto largo tempo nesta meditação, quanto foi repentinamente acordado por umas poucas de gargalhadas partidas detrás de umas moitas vizinhas. Estre-

meceu da cabeça aos pés; pareceu-lhe que lhe tinham lido os pensamentos que lhe passavam pela mente e que se rião delle. Voltou-se, nada viu; guiado por um rumor que ouvia, começou a procurar, e sem grande trabalho viu, atrás de umas moitas um pouco altas, uns poucos de rapazes e raparigas, que, assentados em uma esteira entre os restos de um jantar, debruçavam-se curiosos sobre dous parceiros que, com um baralho de cartas amarrotado e sujo, desencabeçavam uma intrincada partida de bisco. As gargalhadas que ouvira ha pouco tinham sido a consequencia de um capote que um delles acabava de levar. A vista daquelles restos de um jantar, que, se não parecia ter sido abundante, fez-lhe lembrar que sahira de casa na occasião de pôr-se a mesa, deu-lhe então o estomago umas formidaveis badaladas. Tentou entretanto voltar, porque não se queria metter em festa alheia, quando, levantando um dos jogadores a cabeça, conheceu nelle um seu antigo camarada, o menino que fôra sacristão da Sé. Ainda que apezar disso se quizesse retirar, já era tarde, porque com o movimento que fizera, o jogador, dando com elle, o havia tambem conhecido.

— Olá Leonardo! porque carga d'agua vieste parar a estas alturas? Pensei que te tinha já o diabo lambido os ossos, pois depois daquelle maldito dia em que nos vimos em pancas por causa de mestre de ceremonias, nunca mais te puz a vista em cima.

Leonardo chegou-se ao rancho, e trocados os cumprimentos com o seu antigo camarada, foi convidado a servir-se de alguma coisa do que ainda havia. [Quiz fazer cerimonia, mas não eslava em circumstancias disso: uma das moças serviu-o

e enquanto continuava a bisca, comeu elle a barrete fóra.

— Escorropicha essa garrafa que ahi resta, disse-lhe o amigo, e vê se o vinho tem o mesmo gosto daquelle que em outro tempo escorropichavamos juntos das galhetas da Sé com desespero de meu pai e furor do mestre-de-ceremonias.

Quando Leonardo acabou de comer, acabárão também os dous parceiros de jogar; chamou então o amigo á parte, perguntou-lhe:

— Então que gente é esta com que te achas aqui de sucia?

— E' minha gente.

— Tua gente?

— Sim, pois não vês aquella moça morena que ali está?

— Sim, e então?

— Ora !...

— Pois tu casaste?

— Não... mas que tem isso?

— Ah !... estás de moça !

— E tu?

— Eu... ora nem te digo... morreu meu padrinho.

— Sim, ouvi dizer.

— Fui para a casa de meu pai... e de repente, hoje mesmo, brigo lá com a *cuja* d'elle; elle corre de espada atrás de mim, e eu safo-me. Parei ali adiante, e as gargalhadas que vocês aqui davão.....

— Sei do resto... E agora tu não tens para onde ir?

— Homem, eu ia ver...

— Ver o que?

— Ver por ahi...

— Por ahi, por onde?

— Nem mesmo eu sei....

E desatárão os dous a rir. Quando temos apenas 18 a 20 annos sobre os hombros, o que é um peso ainda muito leve desprezamos o passado, rimo-nos do presente, e entregamo-nos descuidados a essa confiança cega no dia de amanhã, que é o melhor apanagio da mocidade.

— Sabes que mais? continuou o amigo do Leonardo, vem connosco, e não te has de arrepender.

— Mas com vocês, para onde?

— Para onde? Sem duvida algum partido melhor tens a escolher? queres fazer ceremonias?

Começava a cahir a noite.

— Vamos levantar a sucia, minha gente disse um dos convivas.

— Sim, vamos.

— Nada, inda não: Vidinha vai cantar uma modinha.

— Sim, sim uma modinha primeiro; aquella:

« Se os meus suspiros pudessem. »

— Não, essa não, cante antes aquella: Quando as glorias que eu gozei. »

— Vamos lá, decisão, respondeu uma voz de moça aflautada e languida.

Vidinha era uma mulatinha de 18 a 20 annos, de altura regular, hombros largos, peito alçado, cintura fina e pés pequeninos; tinha os olhos muitos pretos e muito vivos, os labios grossos e humidos, os dentes alvissimos, a falla era um pouco descansada, doce e afinada.

Cada phrase que proferia era interrompida com uma risada prolongada e sonora, e com um certo cahido de cabeça

para trás, talvez gracioso se não tivesse muito de affectado.

Assentou-se finalmente que ella cantaria a modinha: « Se os meus suspiros pudessem. »

Tomou Vidinha uma viola, e cantou acompanhando-se em uma toada insipida hoje, porém de grande aceitação naquella tempo, o seguinte:

Se os meus suspiros pudessem
Aos teus ouvidos chegar,
Verias que uma paixão
Tem poder de assassinar.

Não são de zelos
Os meus queixumes,
Nem de ciume
Abrazador;

São das saudades
Que me atormentão
Na dura ausencia
De meu amor.

O Leonardo, que talvez hereditariamente tinha quéda para aquellas consas, ouviu boquiaberto a modinha, e tal impressão lhe causou, que depois disso nunca mais tirou os olhos de cima da cantora. A modinha foi applaudida como cumpria. Levantárão-se então, arrumárão tudo o que tinhão levado em cestos, e puzerão-se a caminho, acompanhando o Leonardo o farrancho.

CAPITULO VIII.

NOVOS AMORES.

Chegarão todos depois de longo caminhar, e quando já brilhava nos céos um desses luares magníficos que só fazem no Rio de Janeiro, a uma casa da rua da Valla. Naquelles tempos uma noite de luar era muito aproveitada, ninguém ficava em casa; os que não sabião a posseio sentavão-se em esteiras ás portas, e ali passavão longas horas em descantes, em câas, em conversas, muitos dormião a noite inteira ao relento.

Como os nossos conhecidos já tinhão dado um grande passeio, adoptarão o expediente das esteiras á porta, e continuarão assim pela noite em diante a sucia em que havião gasto o dia, pois aquillo que Leonardo vira nos Cajueiros, e em que tambem tomára parte, era o final de uma patuscada que havia começado ao amanhecer, de uma dessas romarias consagradas ao prazer, que erão então tão communs e tão estimadas.

Agora devemos dar ao leitor conhecimento da nova gente, no meio da qual se acha o nosso Leonardo. Se nos pudesse-

mos soecorrer aqui do amigo José Manoel, sem duvida nos desfolharia elle toda a arvore genealogica dessa familia a quem o amigo do Leonardo chamava a *sua gente*: porém contentem-se os leitores com o presente sem indagar o passado. Saibão pois que a familia era composta de duas irmãs, ambas viúvas, ou que pelo menos dizião sel-o, uma com tres filhos e outra com tres filhas; passando qualquer das duas dos seus quarenta e tantos; ambas gordas e excessivamente parecidas. Os tres filhos da primeira erão tres formidaveis rapagões de 20 annos para cima, empregados todos no Trem; as tres filhas da segunda erão tres raparigas desempenadas, orçando pela mesma idade dos primos, e dadas cada uma no seu genero. Uma dellas já os leitores conhecem; é Vidinha, a cantora de modinhas; era solteira como uma de suas irmãs; a ultima era também solteira; porém não como estas duas. O amigo do Leonardo que explique o que isso quer dizer, e explicando dará também a conhecer o que era elle proprio na familia. Os mais que sô achavão presentes erão pela maior parte vizinhos que se reunião para aquellas sucias, que erão tradicionaes na familia.

Quando chegáão á casa o amigo do Leonardo tomou as duas velhas de parte, e começou a conversar com ellas, sem duvida a respeito do Leonardo, pois que o olhavão todos tres durante a conversa; e mesmo quem tivesse o ouvido atilado teria escutado ás velhas estas palavras:

— Coitado do moço !...

— Ora vejão que pai de más entranhas !...

Outro qualquer que tivesse mais idade, ou antes, fallando claro, mais juizo e outra educação, envergonhar-se-hia talvez

muito de achar-se na posição em que se achava o Leonardo, porém elle nem nisso pensava, e o que é mais, nem mais pensava naquillo que até então lhe não sabia da cabeça, isto é, em Luizinha de um lado e José Manoel do outro: agora não via senão os olhos negros e brilhantes, e os alvos dentes do Vidinha; não ouvia senão o éco da modinha que ella cantára. Estava pois embebido n'um extasi contemplativo.

No mais pensaria quando lhe restasse tempo.

Mas se havião todos sentado em uma larga esteira junto á soleira da porta sobre a calçada, o Leonardo propoz logo que se cantasse uma nova modinha.

— Qual... respondeu Vidinha acompanhando este *qual* da sua [costumada risada; estou já tão cansada... que nem posso !

-- Ora... ora... disserão umas poucas de vezes. Além do costume das risadas tinha Vidinha um outro, e era o de começar sempre tudo que tinha a dizer por um *qual* muito accentuado; respondeu ainda portanto:

— Qual... pois se eu tambem já cantei tudo que sabia. Qual meu Deus ! nem eu posso mais !

— Ainda não eantou a minha favorita, disse um dos presentes.

—|Nem a minha, disse outro.

— Eu tambem, accrescentou outro, ainda não lhe pedi aquella cá do peito.

— Qual, meu Deos ! onde é que isto vai parar !

— Ora, mana, não se faça de boa.

— Ai, creatura, disse uma das velhas, quereis que vos reze um responso para cantardes uma modinha ?

Leonardo, vendo a sua causa advogada por tantas vozes,

conservou-se calado. Tentados mais alguns meios, e feitas mais algumas negações, Vidinha decidiu-se, e tomando a viola cantou, segundo a indicação de umas das velhas, o seguinte:

Duros ferros me prenderão
No momento te ver;
Agora quero quebral-os,
E' tarde não póde ser.

Este ultimo passo acabou de desorientar completamente o Leonardo: ainda bem não tinham expirado as ultimas notas do canto, e já, passando-lhe rapido pela mente um turbilhão de idéas, admirava-se elle de como é que havia podido inclinar-se por um só instante de Luizinha, menina semsaborona e exquisita, quando havião no mundo mulheres como Vidinha.

Decididamente estava apaixonado por esta ultima.

O leitor não se deve admirar disto, pois não temos cessado de repetir-lhe que o Leonardo herdára de seu pai aquella grande copia de fluido amoroso que era a sua principal característica. Com esta herança parece porém que tinha elle tido tambem uma outra, e era a de lhe sobrevir sempre uma contrariedade em casos semelhantes. José Manoel fôra o primeiro; vejamos agora qual era, ou antes quem era a segunda.

Se o leitor pensou no que ha pouco dissemos, isto é, que naquella familia havião tres primos e tres primas, e se agora accrescentarmos que moravão todos juntos, deve ter scismado alguma cousa a respeito. Tres primos e tres primas, morando na mesma casa, todos moços... não ha nada mais natural; um primo para cada prima, e está tudo arranjado. Cumpre porém ainda observar que o amigo do Leonardo tomára conta

de uma das primas, e que deste modo vinha a haver tres primos para duas primas, isto é, o excesso de um primo. A vista disto o negocio já se torna mais complicado. Pois para encurtar razão, saiba-se que havião dous primos pretendentes a uma só prima, e essa era Vidinha, a mais bonita de todas; saiba-se mais que um era attendido e outro desprezado: logo o amigo Leonardo terá desta vez de lutar com duas contrariedades em vez de uma.

Mas por ora de nada sabia elle, e entregava-se tranquillo ás suas emoções sem se lembrar do que qualquer se lembraria, que entre primos e primas ha assim um certo direito mutuo em negocio de amor, que muito prejudica a qualquer pretendente externo.

Gastarão grande parte da noite ali sentados, e tratárão de recolher-se já muito tarde.

O amigo do Leonardo, a quem daqui em diante trataremos pelo seu proprio nome de Thomaz com o appellido— da Sé — ambos herdados de seu pai, declarou que o seu amigo ficava ali por aquella noite, por já ser muito tarde; quiz assim poupar-lhe um vexame, e mostrou nisto ser bom amigo.

Agora que o nosso Leonardo está installado em quartel seguro, vamos occupar-nos de alguma cousa de importante que havíamos deixado suspensa.

CAPITULO X.

JOSE' MANOEL TRIUMPHA.

A comadre corrêra toda a cidade, e em parte alguma encontrára o Leonardo; enquanto cançava-se assim a procural-o, estava elle tranquillo e descansado mirando-se nos olhos de Vidinha, regalando-se a ouvir modinhas, como sabem os leitores, sem se lembrar do que ia pelo mundo.

A pobre mulher, depois de muito cançada, foi ter á casa de D. Maria. Era já noite fechada.

Quando ella entrava sahia o mestre-de-reza que acabava de dar a sua lição ás crias de casa. A comadre ha algum tempo que andava desconfiada do mestre-de-reza; combinando o que por ahi se dizia do seu credito com certas cousas que tivera occasião de presenciar, estava quasi a concluir que era elle emissario de José Manoel junto á côrte de D. Maria. Não gostou portanto do encontro, e doeu-lhe o cabello vê-lo sahir áquella hora, pois que de ordinario as lições não se demoravam alé tão tarde; e para mettêl-o á bulha disse-lhe:

— A lição hoje foi comprida, devoto... as raparigas parece q' gostão mais da *cambetice* do que da reza.

— Não, respondeu o velho com sua voz fanhosa, ellas não vão mal, empacão em alguns logares, mas sempre vão indo; bem sabe tambem que sempre trago comigo o santo remedio

E afagou o cabo da palmatoria com que sempre andava armado.

— Ah! então estive o devoto de conversa; gosta tambem de dar á lingua...

— Não desgosto; mas tambem não digo senão aquillo que sei, isto é aquillo que ouço; os outros gastão o tempo a ver e a ouvir; eu, como não posso senão ouvir, emprego a fallar o que os mais empregão a ver; fallo, e fallo muito; mas que quer se me sobra tempo para isso; e damais, bem sabe que não é trabalho que cance. Meus pais erão Algarves, e eu não quero desmentir a minha paternidade.

— Então já sei que hoje desenterrárão-se mortos e enter-rárão-se vivos; pois eu não posso fazer outro tanto, porque vou aqui muito e muito zangada de minha vida. Se o devoto, como é homem que muito gyra por toda esta cidade, souber por ahi noticias de meu afilhado Leonardo, queira vir dar-me parte, pois sahiu-nos elle hoje de casa lá por causa de umas historias, e não sei por onde andará dando com os ossos.

| Ora, isto fica por minha conta; não ha nada mais facil do que dar com elle.

E aqui terminou esta conversa que tinha logar na porta da rua, e com a qual não ficára a comadre muito contente. D. Maria, que ouvira tudo, veio ao encontro da comadre, e foi-lhe logo dizendo antes de de lhe dar tempo de tirar a mantilha;

— Então já o rapaz não está em casa ? Senhora, aquillo é genio, nasceu com elle, e com elle ha de ir á sepultura. Bem me dizião o que elle era, e apezar do seu ar sonso nunca lhe fiz fê.

— Adeus que me está a senhora a pôr culpas em quem não as tem; o rapaz desta vez tem toda a razão....

— Ora, historias da vida; isso diz você porque o estima como se fosse sua mãe; mas vá com esta que eu lhe digo: os rapazes de agora andão de cabeça levantada... Mas o defunto padrinho — Deus lhe falle n'alma, — foi o proprio que teve culpa de tudo isto com aquellas fumaças de Coimbra que lhe mettem na cabeça...

— Mas, senhora de Deus, se o bruto do pai até chegou a corrê-lo de espada na mão...

— Que tal não faria elle ! mas que' tinha isso ? o pai não a havia esquartejar... por certo, que eu bem lhe conheço o genio; aquillo era raiva, e havia de passar; devia elle sujeitar-se... sempre é seu pai.

— Com a Virgem Santa ! pois se tudo isso foi por uma cousa de nada, por causa de uma almofada de renda... Isto é cousa em que se creia ?!... E agora para onde é que ha de ir aquelle coitado?...

— Ha de estar por ahí mettido em algum fado de ciganos; não se lembra do que elle fez quando o padrinho era vivo ?

— Ora, criançadas... para que fallar nisso ?

Este dialogo ia continuando interminavel sobre o mesmo assumpto, quando D. Maria, mudando repentinamente de conversa, disse á comadre:

— Ora é verdade, sente-se para cá que temos contas que ajustar...

— Contas !...

— E muito compridas, começo por dizer, accrescentou D. Maria, que não parecia estar nesta occasião de muito bom humor; começo por dizer-lhe mesmo na bochecha que quando fôr á confissão este anno trate de desobrigar-se de um grande peccado que commetteu.

— E eu que já não tenho poucos: mas então o que é ?

— E' um aleive, senhora, um aleive muito grande que levantou a pessoa que tal não merecia.

A comadre não precisou de mais nada para conhecer onde é que tudo aquillo ia parar; o aleive mais moderno de que a accusava a sua consciencia bem sabia ella qual era. Começou a ver tudo elaro como o dia; viu José Manoel justificado completamente aos olhos de D. Maria a respeito da historia do roubo da moça no Oratorio de Pedra, e viu tambem como medianeiro dëssa justificação o cego mestre-de-reza. Ficou pois visivelmente incommodada; volvia-se de um para outro lado, como se estivesse cheia de espinhos a baquinha em que estava sentada, e teve um forte accesso de tosse quando D. Maria acabou de pronunciar aquellas ultimas palavras.

— Tudo quanto me disse a respeito de José Manoel naquella historia do roubo da moça, continuou D. Maria fazendo-se vermelha, o que era nella máo signal, é falso, e muito falso. Sei isto de parte muito certa...

Novo accesso de tosse acommmetteu a comadre.

— Pois olhe, proseguiu D. Maria, tinha eu dado todo o credito, tanto que havia rompido por um excesso com o po-

bre do homem, mas não cáio n' outra; esta me serviu de emenda.

A comadre viu que o vento se lhe ia tornando absolutamente contrario; comprehendeu que D. Maria estava muito bem informada, e que inutil seria qualquer sustentação que pretendesse fazer de tudo quanto havia avançado; isso só serviria para aggravar-lhe a posição.

Forjou pois repentinamente um novo plano e disse:

— Não me dá nada de novo, senhora; sei muito bem de tudo; o homem está nesse negocio como Pilatos no Credo.

— Mas lembre-se que me havia dito que tinha visto com seus proprios olhos.

— Ah! senhora, era o diabo por elle; nunca vi cousa assim tão parecida. Outro dia porém soube de tudo, e agora estou arrependida.

— Mandei por isso chamar o pobre homem, continuou D. Maria, que de offendido que estava com o modo por que eu o tratava custou muito a vir, e abri-me aqui com elle.

E uma cousa lhe digo, è que a comadre não está bem no negocio; elle expoz-me certas cousas... a que eu emfim não quiz dar credito.

— Pois então a senhora disse-lhe que eu é que...

— Não fui eu quem lhe disse; elle já o sabia, e não era possível negar-lh'o. Foi então que elle me quiz abrir os olhos sobre outros pontos...

A comadre, que via todo o caldo entornado naquelles outros pontos, tratava de desviar a conversação, fazendo que não dera attenção a essas ultimas palavras.

— Mas então, perguntou, por quem foi que soube como

tinha sido o negocio? quero ver se combina cá com o que sei.

— Ainda ha pouco acabou de sahir daqui quem me pôz o negocio todo em pratos limpos.

— Ah ! disse a comadre.

E mordeu os beiços, fazendo um gesto que queria dizer: « nunca me enganei ! »

D. Maria proseguiu contando á comadre que tendo fallado em semelhante negocio ao mestre-de-reza; elle lhe havia negado tudo quanto esta lhe dissera a respeito de José Manoel; que muito tempo lutára com o velho para que lhe dissesse o que sabia a respeito e em que fundava a denegação que fazia; que finalmente, depois de grande resistencia, tinha-lhe elle trazido á casa, mesmo no dia antecedente, o pai da moça, que tudo confessára, declarando até o nome da pessoa com quem se achava sua filha, que elle já conhecia, e com quem tinha feito as pazes.

— E' exactamente o que eu sabia, disse a comadre no fim da narração; foi tudo assim mesmo. Veja, senhora, a que está sujeita a gente nesta vida: a levantar falsos aos mais.

Agora informemos ao leitor que tudo que se acabava de passar tinha sido com effeito obra do mestre-de-reza. Pouco a pouco se tinha instruido do que se passava em casa de D. Maria a respeito do seu cliente José Manoel; tinha conseguido saber quem havia armado a intriga; indagou tambem o que se passava em casa de Leonardo-Pataca; e como lá se fallava um pouco alto a respeito das pretensões de Leonardo, combinando umas cousas com outras, chegarão á conclusão certissima daquillo que com effeito se passára.

D. Maria pareceu dar credito ao arrependimento da coma-

dre, e eomeçou-lhe a aplacar o humor um pouco desabrido em que se achava.

Voltarão á questão da sahida do Leonardo de casa, e desta vez já D. Maria não se mostrou tão inflexivel para com o rapaz. Entretanto á comadre não lhe sahirão da cabeça aquellas palavras de D. Maria: « *abriu-me os olhos sobre outros pontos;* » e depois que viu D. Maria mais apaziguada, tentou chamar de novo a conversa para esse ponto, e como que pedir explicações. Ella previa a significação daquellas palavras sem duvida-nenhuma que se referião ás suas pretenções ou ás de seu afilhado sobre Luizinha, porém queria saber as côres com que esse negocio tinha sido pintado a D. Maria por José Manoel.

Isso foi-lhe porém fatal, porque soube (o que lhe não foi nada agradavel) que o negocio estava muito mal parado a respeito do seu afilhado, e pelo contrario muito adiantado a favor do seu adversario. D. Maria, depois de declarar que José Manoel se tinha queixado da comadre, attribuindo-lhe tudo que se havia passado, que não era mais do que uma intriga urdida com o fim de o apartar de sua casa, porque tinham sobre elle cahido suspeitas, que confessava justas, accrescentou finalmente que José Manoel, completamente justificado, graças á intervenção do mestre-de-reza, acabára por lhe dar a entender alguma cousa a respeito de Luizinha, o que D. Maria confessou não lhe ter sido totalmente desagradavel, porque emfim, segundo allegava, José Manoel era um homem cisudo e de juizo, tinha corrido mundo, e não era nenhuma criança (esta palavra doeu á comadre) que não fosse capaz de tratar bem de uma moça. A comadre descoroçoou comple-

tamente com estas ultimas declarações; porém o que fazer na occasião? Ella mesmo tinha ha pouco confessado o risco que se está a cada momento de ser injusto com o proximo, e não podia sem risco aventurar, pelo menos naquella occasião, alguma cousa contra José Manoel, tanto mais que tão mal se havia sahido da primeira intriga que armára. Contentou-se pois com repetir uma observação que D. Maria mesma lhe havia feito ha pouco tempo, e disse, referindo-se a Luizinha:

— Gente, pois aquella criança já está para essas l...

— Sim, respondeu D. Maria, está ainda verdezinha, mas tambem isso não é sangria desatada.

A comadre rêspirou, pois viu que ainda havia tempo a ganhar.



CAPITULO X.**O AGGREGADO.**

Passarão-se assim algumas semanas: Leonardo, depois de acabadas todas as ceremonias, foi declarado aggregado á casa de Thomaz da Sé, e ali continuou convenientemente arranjado. Ninguém se admire da facilidade com que se fazião semelhantes cousas; no tempo em que se passavão os factos que vamos narrando nada havia mais commum do que ter cada casa um dous, e ás vezes mais aggregados.

Em certas casas os aggregados erão muito uteis, porque a familia tirava grande proveito de seus serviços, e já tivemos occasião de dar exemplo disso quando contámos a historia do finado padrinho de Leonardo; outras vezes porém, e estas erão em maior numero, o aggregado, refinado vadio, era um verdadeiro parasita que se prendia á arvore familiar, que lhe participava da seiva sem ajudal-a a dar os fructos, e o que é mais ainda, chegava mesmo a dar cabo della. E o caso é que, apesar de tudo, se na primeira hypothese o esmagavão com o peso de mil exigencias, se lhe batião a cada passo com os

favores na cara, se o filho mais velho da casa, por exemplo, o tomava por seu divertimento, e á menor e mais justa queixa saltavão-lhe os pais em cima tomando o partido de seu filho, no segundo aturavão quanto desconcerto havia com paciência de martyr, o aggregado tornava-se quasi rei em casa, punha, dispunha, castigava os escravos, ralhava com os filhos, intervinha emfim nos mais particulares negocios.

Em qual dos dous casos estava eu viria estar em breve o nosso amigo Leonardo? O leitor que o decida pelo que se vai passar.

Principiemos por declarar que as duas velhas irmãs tinham concebido desde o primeiro momento uma decidida sympathia por elle, e era esse o unico ponto por onde o podemos julgar um pouco feliz: se a cada passo encontrava contrariedades e antipathias, tambem lhe não faltavão por contrabalanço sympathias e favores. Isto já era meio caminho andado para qualquer projecto que elle formasse, qualquer intenção que tivesse ou desejo que se lhe despertasse. Mas note-se que para não falhar a lei das compensações, que pesava constantemente sobre elle, logo o projecto, a intenção e desejo que teve succedeu ser a respeito de uma *cousa* que já tinha despertado igual projecto, intenção e desejo em duas outras pessoas, o que equivale a dizer-se, como já o fizemos, que tinha elle de lutar com duas difficuldades.

Vidiaha era uma rapariga que tinha tanto de bonita como de moediça e leve: um soprozinho, por brando que fosse, a fazia voar, outro de igual natureza a fazia revoar, e voava e revoava na direcção de quantos sopros por ella passassem; isto quer dizer, em linguagem chã e despida dos trejeitos da

rhetorica, que ella era uma formidavel namoradaira, como hoje se diz, para não dizer lambeta, como se dizia naquelle tempo. Portanto não forão de modo algum mal recebidas as primeiras finezas do Leonardo, que desta vez se tornou muito mais desembaraçado, quer porque já o negocio com Luizinha o tivesse desasnado, quer porque agora fosse a paixão mais forte, embora esta ultima hypothese vá de encontro á opinião dos ultra-romanticos, que poem todos os bofes pela boca pelo tal — primeiro amor: — no exemplo que nos dá o Leonardo aprendão o quanto elle tem de duradouro. Se um dos primos de Vidinha, que dissemos ser o attendido naquella occasião, teve motivo para levantar-se contra o Leonardo como seu rival, o outro primo, que dissemos ser o desattendido, teve dobrada razão para isso, porque além do irmão apresentava-se o Leonardo como segundo concorrente, e o furor de quem se defende contra dous é, ou deve ser sem duvida, muito maior do que o de quem se defende contra um. Declarou-se portanto, desde que começaram a apparecer os symptomas do quer que fosse entre Vidinha e o nosso hospede, guerra de dous contra um, ou de um contra dous. A principio foi ella surda e muda; era guerra de olhares, de gestos, de desfeitas, de más caras, de máos modos de uns para com os outros; depois, seguindo o adiantamento do Leonardo, passou a dieterios, a chasques, a remoques. Um dia finalmente desandou em descompostura cerrada, em ameaças do tamanho da torre de Babel, e foi causa diste ter um dos primos pilhado o feliz Leonardo em flagrante gozô de uma primícia amorosa, um abraço que no quintal trocava elle com Vidinha.

— Ah! está, minha tia, disserá enfurecido o rapaz diri-

gindo-se á mãe de Vidinha ; ahí está o luero que se tira de metter-se para dentro de casa um par de pernas que não pertence á familia...

— Onde é, onde é que está pegando fogo ? disse a velha em tom de escarneo, suppondo ser alguma asneira do rapaz, que era em tudo muito exagerado.

— Fogo, replicou este; se ali pegar fogo não haverá agua que o apague... e olhe o que lhe digo, se não está pegando fogo... está-se ajuntando lenha para isso.

Vidinha, que vinha chegando nessa occasião, tomou a palavra e fallou durante meia hora sem interrupção, soltando contra os dous primos (pois que o outro já tinha tambem intervindo) uma tremenda catilinaria em que a palavra — qual — foi repetida enorme numero de vezes. Leonardo teve tambem de defender-se, e fallou pelos cotovellos. As duas velhas acompanhárão aos quatro seguidas das outras duas moças, que mettão tambem de vez em quando a sua colherada.

Seria inutil a tentativa de querermos repetir as palavras textuaes de cada um dos falladores; isso seria cousa pouco mais ou menos semelhante a querer contar-se n'uma tempestade os pingos de chuva que cahem. Só quem já teve occasião de assistir póde bem avaliar o que era e talvez ainda é uma dessas brigas no interior de uma familia. Todos fallão a um tempo, esforçando-se cada um por fallar mais alto do que todos os outros; ninguem parece attender ás desculpas que se apresentam, nem ás recriminações que se fazem, e entretanto de minuto em minuto cada qual, tomando mais calor, se julga dobradamente offendido; as juras se cruzão, as ameaças se chocão; não fica no dictionario termozinho de escolha

que não sáia á frente; umas questões trazem outras, estas ainda outras; recorre-se ás offensas passadas, presentes e futuras para fazer-se carga aos adversarios. Tudo emfim se diz, e nada se consegue; a briga dura muitas horas, ao termo das quaes os contendores, *fatigatis sed non-sacialis*, abandonão o campo, ficando mais encarniçados uns contra os outros do que o estavam a principio. E se por acaso, tocando já em retirada, algum ousa ainda soltar uma derradeira imprecação, pega de novo a cousa, e dura ainda bom pedaço. As mais das vezes fica tudo em palavras.

Desta vez porém não succedeu assim: um dos primos que era *esquentadete*, avançou para o Leonardo, depois de lhe ter mandado, como batedor, uma grande injuria, e deu-lhe dous safanões agarrando-o pela golla da camisa. Leonardo, que neste mundo só tinha medo do pai, reagiu contra o aggressor; as duas velhas e Vidinha, tentando aparta-los, não fazião mais do que romper-lhes a roupa e augmentar-lhes a raiva; as demais pessoas occupavão-se em bater nas paredes e chamar os vizinhos. Lutárão os dous por algum tempo sem que disso resultasse accidente grave para nenhum delles, e afinal apartárão-se. Leonardo, apenas se viu livre do seu adversario, foi querendo pôr-se no andar da rua: pesava sobre o infeliz desde criança uma especie de sina de Judeu Errante. As velhas, que em todo o barulho tinhão tomado o partido d'elle, não consentirão porém nisso; allegárão que estavam em sua casa, e pedião mandar como quizessem. Leonardo insistiu apezar disso e apezar dos rogos de Vidinha; porém no momento em que tentava abrir a porta da rua, entrou por ella a comadre.

— Ora graças que o encontro, senhor doudo de pedras....

O Leonardo recuou dous passos; naquellê momento, assim como lhe aconteceu desde que sahiu de casa de seu pai, nem lhe passava pela idéa que tivesse no mundo uma madrinha, um pai, ou qualquer parente que fosse. Houve em todos um movimento de admiração e curiosidade, pois ninguem na casa conhecia a comadre.

Tantas cousas havia feito a boa mulher, que afinal soubera do ninho a que se acolhêra o afilhado, e immediatamente para lá se dirigira. Tendo entrado e dito aquellas primeiras palavras, queria logo depois seguir com uma grande exhortação ao sobrinho, quando, tendo visto as duas velhas, assentou que era melhor dirigir-se a ellas em primeiro lugar. Com effeito dirigiu-se, e entrárão as tres em conferencia.

CAPÍTULO XI.

MAISINACÃO.

As tres velhas conversarão por largo tempo, não porqu^a muitas cousas se tivessem a dizer a respeito do que se acabava de passar, porém porque a comadre, remontando ao mais remoto passado, entendêra que para dizer que muito se interessava pela volta do afilhado para casa era mister contar desde sua origem a vida inteira deste, de sua mãe, de seu pai, e a sua propria, que fôra mais comprida de todas, e porque as duas velhas entendêrão que para dizerem que o Leonardo estava ali muito bem, e que não consentirião que elle sahis- se, entendêrão ser preciso fazer o que havia feito a comadre— contar a sua vida e de toda a familia desde as éras primiti- vas. — Ora, como todas essas historias contadas de parte a parte erão cheias de episodios, já sentimentaes, já tocantes, já alegres, aconteceu que entre muita gargalhada corrêrão tambem algumas lagrimas durante a conversação. Não ha nada que mais sirva para fazer nascer e firmar a amizade, e mesmo a intimidade, do que seja o riso e as lagrimas: aquel-

les que se rirão, e principalmente aquelles que uma vez chorrarão juntos, teem muita facilidade em fazerem-se amigos. Com effeito, no fim da conversa, as tres velhas estimavão-se mutuamente de uma maneira incrível.

Se esta facilidade de expansão não fosse acompanhada da grande difficuldade de rompimentos e de intrigas, seria uma das grandes virtudes daquelle tempo. Porém as sympathias que se creavão em uma hora de conversa transformavão-se em odio n'um minuto de desavença.

Emquanto as velhas conversavão, os contendores acalmá-rão-se, passou a tormenta, e se tudo não ficou logo acabado, ficou pelo menos esquecido por algum tempo. Leonardo achava-se já disposto a attender ás supplicas de Vidinha e das outras moças que o não querião por modo algum fóra de casa: os dous rivaes derrotados parecião resignar-se.

Quando terminou a conferencia das tres, a comadre entendeu que era chegado o momento de começar a prégação ao Leonardo, e começou nestes termos:

— Rapaz dos trezentos demos, valhão-te os serafins... tu tens nessa cabeça pedras em vez de miolos; o sol não cobre creatura mais renegada do que tu. E's um vira-mundo; andas feito um valdeviños, sem eira nem beira nem ramo de figueira, sem officio nem beneficio, sendo pesado a todos nesta vida...

— Se é cá comnosco que falla, acudiu uma das velhas, deixa-o estar aonde está que está muito bem.

— Qual! senhora, pois se vem levantar poeira na casa alheia! é um gallo de brigas.

— Ora isso é lá cousa entre rapazes e raparigas; deixa-os

que elles se arranjarão, redarguiu a velha.

Ingenuidade infantil das velhas daquelle tempo !

A comadre ia proseguir; porém sendo a cada passo interrompida, tomou para seu barato dar a cousa por finda. Retirou-se, ficando convencionado que Leonardo permanecerá onde estava.

Vidinha ficou contentissima com semelhante resultado; os primos porém fizeram má cara, porque tal não esperavão: desde que virão que tudo ia continuar no mesmo pé, renasceu-lhes o despeito. Atirarão algumas indirectas, com as quaes ia tudo pegando fogo novamente; porém contiverão-se ainda; um delles chamou o outro em particular, e começarão por seu turno a conferenciar, porém em segredo. Não havia nada mais natural: o inimigo era commum, juntavão-se para ataca-lo; depois que elle fosse derrotado, a questão se decidira então entre os dous.

Depois desta ultima conferencia serenou tudo definitivamente; cada qual recolheu-se a seu posto, e passarão-se muitos dias em santa paz. Durante esses dias mais se estreitarão os laços entre o Leonardo e Vidinha. E' sempre assim que succede: quereis que nos liguemos estreitamente a uma cousa ? Fazei-nos soffrer por ella. Os dous tinham soffrido um pelo outro, e era isto uma forte razão para se amarem cada vez mais.

A comadre vinha regularmente ver o afilhado e visitar suas novas amigas.

Tudo parecia enfim nos seus eixos naturaes; porém os dous primos tramavão, e tramavão largamente. Ninguém entretanto atinava com o que seria.

Leonardo passava vida completa de vadio, mettido em casa todo o santo dia, sem lhe dar o menor abalo o que se passava lá fóra pelo mundo. O seu mundo consistia unicamente nos olhos, nos sorrisos e nos requebros de Vidinha.

Um dia forjárao uma patuscada semelhante á que dera origem ao conhecimento do Leonardo com a familia. Devião sair de madrugada da cidade e passarem fóra o dia. Preparou-se tudo: cestos de comida, esteiras e mais arranjos. Vidinha mandou encordoar de novo sua viola; avisárão-se os convivas do costume.

A' hora aprazada partirão.

Quem estivesse menos distraído pelo prazer da patuscada do que estava qualquer dos suciantes, notaria que os dous primos deixavão-se de vez em quando ficar atrás, e cochichavão como se tramassem uma conspiração. Ninguém porém dera atenção a semelhante cousa.

Chegarão ao lugar determinado ao romper de dia. Apenas começavão a preparar-se para o almoço, virão surdir, ninguém soube bem de onde, a figura alta, magra, severa e sarcástica do nosso celebre major Vidigal. Correu por todos um signal de pouco contentamento, excepto pelos primos, que trocarão entre si um olhar de intelligencia e triumpho.

Os olhos de Vidinha dirigirão-se instinctivamente para Leonardo.

O major Vidigal deixou passar o primeiro momento de surpresa, e depois, sorrindo-se, disse, como costumava, com sua voz descansada:

— Não tenham medo de mim, que não sou nenhum papa-

crianças, nem eu venho desmanchar prazeres de ninguém. Quero só saber quem é aqui o amigo Leonardo.

Vidinha fez logo cara de choro. Leonardo levantou-se sem saber como, e disse todo tremulo:

— Sou eu....

— Ora vejão, respondeu o Vidigal em tom de mofa, eu não sabia !... Pois, meus amigos, não se assustem que o caso não foi para tanto: um sucio de menos n'uma patuscada não faz falta nenhuma. Este amigo vai connosco. Se elle puder, voltará em breve.... mas creio que já não chegará a tempo para acabar a patuscada.

— Qual, meu Deus ! mas porque é então isto ? que mal é que elle faz ?

— Elle não fez nem faz *nada*; mas é mesmo por não fazer nada que isto lhe succede. Leva, granadeiro.

E um dos granadeiros com que viera o major acompanhado foi tratando de conduzir o Leonardo.

O Vidigal seguiu-os tranquillamente, sem alterar o passo, e dizendo polidamente:

— Adeus, minha gente.

Vidinha desatou a chorar, exclamando:

— Foi malsinação !

— Foi malsinação ! repetirão todos, menos os dous primos.

A sucia levantou-se.

CAPITULO XI.

TRIUMPH COMPLETO DE JOSE' MANOEL.

Era um sabbado de tarde; em casa de D. Maria havia um iufalufa immenso; andavão as crias e mais escravos de dentro para fóra; espanava-se a sala; arrumavão-se as cadeiras; corria-se, fallava-se, gritava-se.

A dona da casa trajava, fóra do ordinario, um rico vestido de cassa bordado de prata, de corpinho muito curto e mangas de um volume enorme. Seja dito de passagem que a prata do bordado estava já marcada, e o mais do vestido um pouco encardido. Trazia ainda D. Maria um penteado de desmedida altura, um formidavel par de rodellas de crysolitas nas orelhas, e dez ou doze anneis de diversos tamanhos e feitios nos dedos.

Luizinha trajava tambem um vestido que qualquer menos entendido na materia desconfiaria que era filho legitimo do de sua tia; trazia um toucado de plumas brancas na cabeça e um rosario de ouro de contas mui grossas na cintura.

Acabavão de sahir as duas assim preparadas do quarto de

vestir, quando sentiu-se rodar uma carruagem e parar na porta da casa. Luizinha estremeceu; D. Maria levou o lenço aos olhos, e tirou-o em pouco tempo molhado de lagrimas.

— Está ahí a carruagem, gritou umas das crias que estava de sentinella á janella.

A carruagem era um formidavel, um monstruoso machinismo de couro, balançando-se pesadamente sobre quatro desmesuradas rodas. Não parecia cousa muito nova; e com mais dez annos de vida poderia muito bem entrar no numero dos restos infelizes do terremoto, de que falla o poeta.

Mal tinha este trem parado á porta, sentiu-se o rodar de outro que veio parar junto delie. O que dissemos a respeito dos vestidos de D. Maria e sua sobrinha póde perfeitamente applicar-se aos dous trens; o segundo parecia filho legitimo do primeiro.

Do ultimo que chegára apeou-se José Manoel, e entrou em casa de D. Maria, que o veio receber á porta.

E' inutil! observar que a vizinhança estava toda á janella, e via todo aquellê movimento com olhos regalados pela mais desabrida curiosidade.

José Manoel trajava casaca de seda preta, calções da mesma fazenda e cõr; trazia meias tambem pretas e sapatos de entrada baixa, ornados com enormes fivellas de prata, espadim e chapéo de pasta.

Acompanhavam-o dous amigos vestidos pelo mesmo theor.

José Manoel estava com um ar entre compungido e triumpante, e desfazia-se em misuras á D. Maria.

Depois de tudo isto quer ainda o leitor que lhe declaremos que a sobrinha de D. Maria casava-se naquella tarde com José Manoel?

Chegou o momento da partida. Luizinha, conduzida por D. Maria, que lhe ia servir de madrinha, embarcou n'um dos destroços da arca de Noé, e que chamamos carruagem; José Manoel, acompanhado por quem lhe ia servir de padrinho, fez outro tanto, e partirão depressa para a igreja. Fizerão bem em partir depressa, porque se se demorassem alguns minutos, corrião o risco de serem devorados pelos olhos dos vizinhos.

Apenas cessou a bulha das carruagens, começarão estes últimos em conversa renhida, de que damos aqui uma pequena amostra.

— Senhora, dizia uma sugeita que morava junto de D. Maria para outra que morava def. onte, o tal noivo poderá ser cousa boa, mas não dou nada pela cara delle.

— E a noiva?... respondia a outra; arrenega tambem de lambisgoia....

— E o filho do Leonardo ficou vendo estrellas?...

— Por força: venceu este porque é um finório de conta.

— Se a velha deixar tudo á sobrinha, não é mão arranjo....

— De certo. Pois não sabe que o seu defunto marido era um homem que viajava para a Índia?

Neste tom continuárão até a volta das carruagens.

Agora demos ao leitor algumas explicações a respeito do triumpho de José Manoel.

Depois das boas obras do mestre-de-reza, de que os leitores já forão informados, José Manoel rehabilitára-se completamente unto a D. Maria; tornára a frequentar a casa, e foi pouco a pouco pondo barro á sua parede. Um successo inesperado veio ajudal-o com a maior efficacia. O testamenteiro

do finado irmão de D. Maria, do pai de Luizinha, que já tinha tido com D. Maria, como talvez não estejam esquecidos os leitores, uma demanda por causa desta ultima, surdiu de repente com uma nova prebenda relativa a uma pontinha de testamento, e D. Maria teve de entrar de novo com elle em uma luta judiciaria. Isto coincidiu com a morte inesperada do procurador de D. Maria. José Manoel offereceu-se para cuidar da causa; e com tanto geito arranjou tudo, q' em muito pouco tempo, cousa que procurador nenhum teria feito, venceu a demanda em favor de D. Maria.

Ora os leitores hão de estar lembrados da mania que tinha D. Maria por uma demandazinha; atirava-se a ella com vontade, e tal era o empenho que empregava na mais insignificante questão judiciaria, que em taes casos parecia ter em jogo sua vida. Daqui se poderá concluir a satisfação que teria ella no dia em que se achava vencedora, e como se não julgaria obrigada a quem lhe proporcionasse a victoria.

José Manoel aproveitou-se disto; e no dia em que veio ler a D. Maria a sentença final que resolvia a pendencia em seu favor, pediu-lhe a mão da sobrinha, a qual lhe foi promettida sem grandes escrúpulos.

Luizinha estava nesta occasião em um daquelles periodos de abatimento que se costumão produzir nos moços, e principalmente nas moças que ainda marchão por aquella estrada florida que leva dos 13 aos 25 annos, quando as opprime o isolamento.

Ora como sabem todos os que me leem, o Leonardo tinha abandonado Luizinha; ella aceitou portanto indifferentemente a proposta de sua tia.

CAPITULO XII.

ESCAPULA.

Deixemos aos noivos o gozo tranquillo da sua lua de mel; deixemos D. Maria desfazer-se em carinhos e conselhos á sua sobrinha, que os recebia indifferentemente, e em attentões para com José Manoel, cuja cabeça se tinha tornado repentinamente uma arithmetica completa, toda algarismos, toda calculos, toda multiplicações; e voltemos a saber o que foi feito do Leonardo, a quem deixámos na occasião em que fóra arrancado pelo Vidigal dos braços do amor e da folia.

O Vidigal tinha-o posto diante de si, ao lado de um granadeiro, e marchava poucos passos atrás. Emquanto caminhavam o granadeiro pretendeu dar-lhe conversa; mas elle a nada respondia, parecendo absorto em grave cogitação.

Quem estivesse muito attento havia de notar que algumas vezes o Leonardo parecia, ainda que muito ligeiramente, apressar o passo, que outros vezes o retardava, que seu olhar e sua cabeça voltavão-se de vez em quando, quasi imperceptivelmente, para a esquerda ou para a direita. O Vidigal

pulos achava-se em casa de Vidinha, que o recebeu com um abraço, exclamando:

— Qual ! ali está elle !

Um raio de alegria illuminou todos os semblantes, menos o dos dous irmãos rivaes, que ficárão horriavelmente desapontados. As duas velhas tirárão da cabeça as mantilhas que já havião tomado para dar providencias sobre o caso. A presença do Leonardo foi uma aura bemfazeja que espalhou as nuvens de uma grossa tormenta, que tendo começado a roncar quando Leonardo foi preso (com aquellas palavras — foi malsinção — viera desabar de todo em casa, e promettia durar muito tempo.

Vidinha, tendo a princípio trocado com os primos algumas indirectas a respeito da prisão de Leonardo, julgára conveniente deixar-se de pannos quentes, e fôra direito a elles, como se diz, com quatro pedras na mão, attribuindo-lhes o que acabava de succeder.

Elles denegárão, e travárão-se com ella de razões. A princípio as duas velhas estavam ambas da parte de Vidinha, porém tendo esta atirado tres ou quatro ditos fortes de mais aos primos, a tia offendeu-se, e tomou o partido dos dous filhos; a outra velha, mãe de Vidinha, protesta contra a parcialidade de sua irmã, e reforça ainda mais, acompanhada dos que restavão, o partido de Vidinha. Divididos e extremados assim os dous campos, com terriveis campeões de lado a lado, facil é prever-se o que terio succedido se o Leonardo não viesse tão a tempo para acalmar tudo.

Tomado pelo prazer de ver-se livre, nem teve elle tempo de fazer recriminações aos seus inimigos: já sabia com certeza

a quem nada disto escapava, achava em todas estas occasiões pretextos para dar signaes de si; tossia, pisava mais forte, arrastava no chão o chapéo de sol que sempre trazia na mão como quem queria dizer ao Leonardo, respondendo aos seus pensamentos intimos: —Cuidado! eu aqui estou.— E o Leonardo entendia tudo aquillo ás mil maravilhas; contrahia os labios de raiva e de impaciencia. Entretanto nem por isso abandonava a sua idéa: queria fugir. Desconfiava que ia para a Casa da Guarda, e pedia interiormente aos seus deuses que alongassem de muitas leguas as ruas que tinha de percorrer. Quando via de longe uma esquina dizia comsigo:— E' agora; quebro por ali fóra, e bato pernas.— Porém ao chegar perto da esquina, o Vidigal achava alguma cousa que dizer ao granadeiro, e passava-se a esquina. Se-lhe apparecia á direita ou á esquerda um corredor aberto, pensava comsigo; — Embarafusto por ali a dentro, e sumo-me. — Mas no momento em que ia tomar a ultima decisão, parecia-lhe sentir a mão do Vidigal que o agarrava pela golla da jaqueta, e esfriava. Não erão os granadeiros que lhe mettião medo; nunca em todos os planos de fugir que lhe passavão naquella occasião pela cabeça contou uma só vez com elles; mas o Vidigal, o cruel major era a quantidade constante de seus calculos.

O pobre rapaz, durante aquelles combates intimos, snava mais do que no dia em que fez a primeira declaração de amor a Luizinha. Só havia na sua vida um transe a que assemelhava, aquelle em que então se achava, era o que se havia passado, quando criança, naquelle meio segundo que levára a percorrer o espaço nas azas do tremendo pontapé que lhe dera seu pai.

Repentinamente uma circumstancia veio favorecê-lo. Não sabemos por que causa ouviu-se um grande alarido na rua: gritos, assovios e carreiras. O Leonardo teve uma especie de vertigem: zunirão-lhe os ouvidos, escurecerão-se-lhe o olhos, e... dando um encontrão no granadeiro que estava perto d'elle, desatou a correr. O Vidigal deu um salto, e estendeu o braço para o agarrar; mas apenas roçou-lhe com a ponta dos dedos pelas costas. O rapaz tinha calculado bem: o Vidigal distrahiu-se com o ruido que se fizera na rua, e aproveitou a occasião. O Vidigal e os granadeiros soltárão-se immediatamente em seu alcance: o Leonardo embarasfustou pelo primeiro corredor que achou aberto; os seus perseguidores entrarão incontinentemente atrás d'elle, e subirão em tropel o primeiro lance da escada. Apenas o havião dobrado, e subião o segundo, abrirão-se as cortinas de uma cadeirinha que se achava na entrada, e pela qual tinham elles passado, sahe d'ella Leonardo, e de um pulo ganha a rua. Ao entrar, tendo dado com aquelle refugio, mettêra-se dentro; os granadeiros e o Vidigal não havião reparado em tal com a precipitação com que entrarão, e isso lhe valeu.

E' impossivel descrever o que sentiu o Leonardo quando por entre as cortinas da cadeirinha viu-os passar e subir a escada. Foi uma rapida alternativa de frio e de calor, de tremor e de immobibilidade, de medo e de coragem; veio-lhe outra vez á lembrança o pontapé paterno: era o termo constante de compensação para todos os seus soffrimentos.

Emquanto o Vidigal e os granadeiros varejavão a casa em que havião entrado, Leonardo punha-se longe, e em quatro

percebido pela conversa que com elle tentára travar o grana-deiro.

O major Vidigal fôra ás nuvens com o caso: nunca um só garoto, a quem uma vez tivesse posto a mão, lhe havia podido escapar: e entretanto aquello lhe viera pôr sal na moleira; offendê-lo em sua vaidade de bom commandante de policia, e degrada-lo diante dos granadeiros. Quem pregava ao major Vidigal um logro, fosse qual fosse a sua natureza, ficava-lhe sob a protecção, e tinha-o comsigo em todas as occasiões. Se o Leonardo não tivesse fugido, e arranjasse depois a soltura por qualquer meio, o Vidigal era até capaz, por fim de contas, de ser seu amigo; mas tendo-o deixado mal, tinha-o por seu inimigo irreconciliavel enquanto não lhe dêsse desforra completa.

Já se vê pois que as fortunas do Leonardo redundavão-lhe sempre em mal; era realmente um mal naquelle tempo ter por inimigo o major Vidigal, principalmente quando se tinha, como o Leonardo, uma vida tão *regular* e tão *licita*.

Veremos agora o que se passou na casa em que entrára o Vidigal com os granadeiros em procura do Leonardo.



CAPÍTULO XIII.

O VIDIGAL DESAPONTADO.

O major Vidigal, vendo-se logrado, deu urros; e, como já fizemos sentir aos leitores, prometeu a si mesmo tomar seria vingança do Leonardo.

— Ora, dizia elle comsigo, gastar meu tempo nesta vida, gastâr os meus miolos a pensar nos meios de dar caça a quanto vagabundo gyra por esta cidade, conseguir, á custa de muitos dias de fadiga, de muitas noites passadas sem pregar olho, de muita carreira, de muito trabalho, fazer-me timido, respeitado por aquelles que a ninguem temem e respeitão, os vadios e peraltas; e agora no fim de contas vir um melque-trefezinho pôr-me sal na moleira, envergonhar-me diante destes soldados e de toda esta gente! Agora, não ha garoto por ahi que, sabendo disto, não se esteja a rir de mim, e não conte já com a possibilidade de me pregar um segundo mono como este !...

O major tinha razão: rião-se com effeito delle; e os primeiros que o fazião erão os granadeiros. Apesar de que, esca-

vos da disciplina, empregavão os mais sinceros esforços para coadjuva-lo; e apezar tambem de que revertia para elles alguma gloria das façanhas do major, não puderão entretanto deixar de achar graça no que acabava de succeder, pois concebião a presumpção do Vidigal, e repararão na cara desapontado com que elle havia ficado. Depois, apenas o major poz pé fóra da soleira da casa onde lhe tinha escapado Leonardo, uma multidão immensa que tudo havia presenciado desatou a rir estrondosamente.

— Então, Sr. major, dizia-lhe um dos da turba desta vez

Passarinho foi-se embora,

Deixou-me as pennas na mão.

— Sr. major, dizia outro, procure nos bolsos.

— Dentro da barretina, emendava outro.

— Atrás da porta, replicava aquelle.

E um còro de risadas acompanhava cadaum destes conselhos

— Lá está o bicho dentro da cadeirinha! gritou um repentinamente.

O Vidigal, como que instinctivamente, correu á cadeirinha e abriu-lhe as cortinas.

Nessa occasião as risadas forão homericas: o major comprehendeu então qual fóra o meio por que lhe escapára o Leonardo, e soltou um —ah!— prolongadissimo. Emfim retirou-se acabrunhado, e ruminando projectos para sua reabilitação.

— Se aquelles rapazes da Conceição, dizia consigo o Vidigal, que me forão levar a nota do tal malandro, me tivessem avisado que elle era desta laia, eu não teria passado por esta immensa vergonha.

Por estas palavras veem os leitores que as imputações de Vidinha contra os primos tinham mais que muito fundamento. Com effeito, o que se acabava de passar não era senão o resultado do ajuste que no dia da grande briga, por aquelle motivo que o leitor bem sabe, haviam feito os dous rivaes: tinham elles malsinado ao Leonardo. Forão ter com o Vidigal, e sem precisar mentir armárão ao Leonardo uma cama muito bem feita: era um homem sem officio nem beneficio, vivendo á custa alheia, enchendo de pernas a casa de duas mulheres velhas, a quem não tinha aproveitado a experiencia, e, o que é mais, roubando aos primos o amor de sua prima.

O Vidigal regalára os olhos ouvindo a narração, e ficára muito agradecido aos dous rapazes pela nova que lhe levárão: era mais um pendão que ia juntar aos louros de suas façanhas policias. A primeira tentativa custou-lhe porém bem caro.

Eis-aqui pouco mais ou menos as reflexões em que o major ia engolfado:— Nada lhe seria mais agradável do que dia mais dia menos, quando ninguem pensasse em tal, acompanhado de uma escolta de granadeiros, dirigir-se á casa das duas velhas, cerca-la, e pilhar o Leonardo sem que lhe pudesse escapar. Isto porém repugnava ao seu orgulho offendido. Muitas vezes se tinha, é verdade, servido desse meio, porém fôra isso para poder pilhar a capadócios de longa data, tidos e havidos como taes, e velhos no officio. Não queria pois servir-se do mesmo meio para agarrar um recruta no officio, que ainda agora começava. Nada, tal não fazia; não havia fazer cerco, e o que é mais, não queria de modo algum o adjutorio dos granadeiros; jurava a si mesmo que elle so-

zinho, sem o apoio de ninguém, havia de pôr a mão no Leonardo.

Ia o Vidigal entrando na Casa da Guarda, para onde se dirigia, depois da derrota, quando sentiu-se repentinamente agarrado pelas pernas, e viu a seus pés uma mulher de mantilha que chorava, soluçando muito, com o lenço no rosto.

— Que é isto, senhora? Deixe-me. Ora isto hoje é dia de má sina.

Continuárão os soluços por unica resposta.

— Senhora, deixa-me ou não as pernas? Eu não gosto de carpideiras.... entende?

Soluços ainda.

— Ora não está má esta.... Se lhe morreu alguém, vá chorar na cama, que é logar quente

Redobrou o pranto.

Valhão-me trezentos diabos!.... Quando é que isto terá fim?.... Esta mulher acaba por atirar-me no chão....

Estava já muita gente junta na porta.

Passado finalmente um pouco de tempo em silencio, quando já o major estava disposto a empregar alguma medida de rigor para ver-se livre da carpideira, esta ergueu a cabeça, e tirando o lenço da cara exclamou entre lagrimas:

— Sr. major, solte, solte por quem é meu afilhado, solte, solte o pobre rapaz; elle é um docto, é verdade, mas....

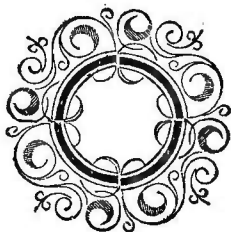
E os soluços lhe embargárão muito a proposito a voz.

Era a comadre que, tendo sabido da prisão do afilhado, viera fazer em seu favor aquella choradeira, ignorando que elle se tivesse evadido. A scena produziu o effeito esperado. Os granadeiros, de cada vez que a comadre dizia—solte, sol-

te—desatavão a rir; tendo por boca pequena explicado tudo aos demais circumstantes; estes os acompanhavão.

O major tomou tudo aquillo como um escarneo que o genio da vadição e do garotismo lhe fazia: era mister que elle, para ver-se livre da comadre, que não lhe largava os joelhos, declarasse por sua propria boca, diante de toda aquella gente, que o Leonardo havia fugido! Declarou-o, e fugiu de todos aquelles olhares, em cada um dos quaes via um insulto.

A comadre, apenas ouviu a declaração, tratou de retirar-se, e não pôde tambem deixar de achar graça no caso.



CAPITULO XV.

CALDO ENTORNADO.

A comadre, tendo deixado o major entregue á sua vergonha, dirigira-se immediatamente para a casa onde se achava Leonardo para felicitá-lo e contar-lhe o desespero em que a sua fuga tinha posto o Vidigal. O Leonardo contava com isso, e não se admirou; Vidinha porém e as duas velhas, por entre muita praga e esconjuro, derão grandes risadas á custa do major. A comadre, segundo seu costume, aproveitou o ensejo, e depois que se aborreceu de fallar no major desenrolou um sermão ao Leonardo, no qual, algumas exagerações de parte, havia grande fundo de justiça; e tanto que até a propria Vidinda chegou a dar-lhe inteira razão quanto a alguns trechos. O thema do sermão foi a necessidade de buscar o Leonardo uma occupação, de abandonar a vida que levava, gostosa sim; porém sujeita a emergencias taes como a que acabava de dar-se. A sancção de todas as leis que a prégadora impunha ao seu ouvinte erão as garras do Vidigal.

— Haveis de afinal cabir-lhe nas unhas, dizia ella no fim

de cada período; e então o covado e meio te cahirá também nas costas.

Esta idéa do covado e meio fez brecha no espirito do Leonardo: ser soldado era naquelle tempo, e ainda hoje talvez, a peor cousa que podia succeder a um homem. Prometteu pois sinceramente emendar-se e tratar de ver um arranjo em que estivesse ao abrigo de qualquer capricho policial do terrível major. Achar porém occupação para quem nunca cuidou nella até certa idade, e assim de pé para mão, não era das cousas mais faceis.

Entretanto o zelo da comadre poz-se em actividade, e poucos dias depois entrou ella muito contente, e veio participar ao Leonardo que lhe tinha achado um exellente arranjo que o habilitava, segundo pensava, a um grande futuro; e o punha perfeitamente coberto das iras do Vidigal; era o arranjo de servidor na ucharia real. Deixando de parte o substantivo ucharia, e attendendo só ao adjectivo real, todos os interessados e o proprio Leonardo regalarão os olhos com o achado da comadre. Empregado da casa real! oh! isso não era cousa que se recusasse; e então empregado na ucharia! essa mina inexgotavel, tão farta e tão rica!... A proposta da comadre foi aceita sem uma só reflexão contra, da parte de quem quer que fosse.

Como a comadre pudera arranjar semelhante cousa para o afilhado, é isso que pouco nos deve importar.

Dentro de poucos dias achou-se o Leonardo installado no seu posto, muito cheio e contente de si.

O major, que o não perdia de vista, soube-lhe dos passos, e mordeu os beiços de raiva quando o viu tão bem aquartel-

fado; só deixando a vida que levava podia o Leonardo cortar ao major pretextos para pôr-lhe a unha mais dia menos dia.

— Se elle se emenda?! dizia pezaroso o major; se elle se emenda perco eu a minha vingança.... Mas... (e esta esperança o alentava) elle não tem cara de quem nasceu para emendas.

O major tinha razão: o Leonardo não parecia ter nascido para emendas. Durante os primeiros tempos de serviço tudo correu ás mil maravilhas; só algum mal intencionado poderia notar em casa de Vidinha uma certa fartura desusada na despensa; mas isso não era cousa que alguém fizesse conta.

O Leonardo porém parece que recebêra de seu pai a fatalidade de lhe provirem sempre os infortúnios dos devaneios do coração.

Dentro do pátio da ucharia morava um *toma-largura* em companhia de uma moça que lhe cuidava na casa; a moça era bonita, e o *toma-largura* um machacaz talhado pelo molde mais grotesco; a moça fazia pena a quem a via nas mãos de tal possuidor.

O Leonardo, cujo coração era compadecido, teve como todos, pena da moça; e apressemo-nos a dizer, era tão sincero esse sentimento que não pôde deixar de despertar também a mais sincera gratidão ao objecto d'elle. Quem pagou o resultado da pena de um e da gratidão da outra foi o *toma-largura*.

Vidinha lá por casa começou a estranhar a assiduidade do novo empregado na sua repartição, e a notar o que fosse de esmorecimento de sua parte para com ella.

Um dia o *toma-largura* tinha sahido em serviço; ninguém esperava por elle tão cedo; erão 11 horas da manhã. O Leonardo, por um daquelles milhares de escaninhos que existem na ucharia, tinha ido ter á casa do *toma-largura*. Ninguém porém pense que era para máos fins. Pelo contrario era para o fim muito louvavel de levar á pobre moça uma tijella de caldo de que ha pouco fôra mandado a el-rei...

Obsequio de empregado da ucharia. Não ha aqui nada de censuravel. Seria entretanto muito digno de censura que quem recebia tal obsequio não o procurasse pagar com um extremo de civilidade: a moça convidou pois ao Leonardo para ajuda-la a tomar o caldo. E que grosseiro seria elle se não aceitasse tão bello offerecimento? Aceitou.

De repente sente-se abrir uma porta: a moça, que tinha na mão a tijella, estremece, e o caldo entorna-se.

O *toma-largura*, que acabava de chegar inesperadamente, fôra a causa de tudo isto. O Leonardo correu precipitadamente pelo caminho mais curto que encontrou; sem duvida em busca de outro caldo, uma vez que o primeiro se tinha entornado. O *toma-largura* corre-lhe tambem ao alcance, sem duvida para pedir-lhe que trouxesse desta vez quantidade que chegasse para um terceiro.

O caso foi que dahi a pouco ouviu-se por dentro barulho de pratos quebrados, de moveis atirados ao chão, gritos, alarido; viu-se depois o Leonardo atravessar o pátio da ucharia á carreira, e o *toma-largura* volta com os galões da farda arrancados, e esta com uma aba de menos.

No dia seguinte o Leonardo foi despedido da ucharia.

CAPITULO XVI.

CIUMES.

No dia seguinte já o Vidigal sabia de cóz e salteado tudo quanto havia succedido ao Leonardo, e pôz-se áleria, pois que a occasião era opportuna.

O Leonardo entrára para a ueharia com o pé esquerdo: a tormenta por que havia passado nada foi em comparação da que lhe cabiu nas costas, quando em casa se soube da causa verdadeira de sua sahida.

E' uma grande desgraça não corresponder a mulher a quem amamos aos nossos affectos; porém não é tambem pequena desventura o cahirmos nas mãos de uma mulher a quem deu na cabeça querer-nos bem devéras. O Leonardo podia dar a prova desta ultima verdade. Vidinha era ciumenta até não poder mais: ora, as mulheres teem uma infinidade de maneiras de manifestar este sentimento. A umas dá-lhe para chorar em um canto, e chorão ahi em ar de graça diluvios de lagrimas: isto é muito commodo para quem as tem de soffrer. Outras recorrem ás represalias, e nesse caso des-

bancão incontinente a quem quer que seja: esta maneira é seguramente muito agradável para ellas proprias. Outras não usão da mais leve represalia, não espremem uma lagrima, mas assim por um espaço de oito ou quinze dias, desde que desponta a aurora, até que cahe a noite, resmungão um calendarlo de lamentações, em que entrão seu pai, sua mãe, seus parentes e amigos, seu compadre, sua comadre, seu dote, seus filhos e filhas, e tudo por ali além; isso sem cessar um só instante, sem um segundo de descanso: de maneira a deixar na cabeça do misero que a escuta uma asuada eterna, capaz de fazer amollecere um cerebro de pedra. Outras entendem que devem affectar desprezo e pouco caso: essas tornão-se divertidas, e faz gosto vê-las. Outras enfim deixão-se tomar de um furor desabrido e irreprimivel; praguejão, blasphemão, quebrão os trastes, rompem a roupa, espancão os escravos e filhos, descompeem os vizinhos: esta é a peor de todas as manifestações, a mais desesperadora, a menos economica, e tambem a mais infructifera. Vidinha era do numero destas ultimas.

Apenas pois, como ha pouco diziamos, se verificou a verdadeira causa da sahida de Leonardo, desabou um temporal que só terá semelhante no que ha de preceder ao aniquilamento do globo. Depois de gritar, chorar, maldizer, blasphemar, ameaçar rasgar, quebrar, destruir. Vidinha parou um instante, concentrou-se, meditou, e depois, como tomando uma grande resolução:

— Minha mãe, disse dirigindo-se a uma das velhas, quero a sua mantilha...

— Filha de Deus, acudiu a velha que desatino é esse? onde é que ides agora de mantilha?...

— Eu cá sei onde vou... quero a sua mantilha... tenho dito... quero a sua mantilha...

Forão todos reunindo-se em roda de Vidinha, sorprendidos por aquella resolução.

O Leonardo estava sentado, ou antes encolhido a seu canto, quedo e silencioso.

— Quero a sua mantilha, minha mãe; quero, e quero....

— Mas para onde ides, rapariga?... Ora, meu Deus!... isso foi cousa que vos fizeram...

— Quero ir á ucharia...

— Jesus!...

— Quero ir... que me importa que seja casa do rei?... Hei de ir... hei de procurar o tal *toma-largura*... quero fazer-lhe cá duas perguntas... e, ou o Menino-Jesus não é filho da Virgem, ou na tal ucharia não fica hoje cousa sobre cousa.

— Que loucura, rapariga... que desatino!...

Os dous primos rião-se interiormente do que se estava passando.

Não ha cousa mais eminentemente prosaica do que uma mulher quando se enfurece. Tudo quando em Vidinha havia de requebro, de languidez, de voluptuosidade tinha desaparecido; estava feia, e até repugnante.

Ninguém houve que a pudesse desviar do seu proposito: ella foi tomando a mantilha e dispondo-se a sahir; rogos, choros, nada a pôde conter.

O Leonardo viu que o caso estava mal parado, e tendo estado até então calado, decidiu-se tambem a pedir a Vidinha

que não soubesse. Foi, como se costuma dizer, peor a emenda que o soneto.

— Qual!... responde Vidinha.... essa agora é que havia de ser bonita. .. Qual! pois eu não hei de sahir?... Tinha que ver.... então por pedido do senhor? Ora qual....

E foi sabindo.

Começava a anoitecer.

A gente de casa ficou toda na maior afflicção; ninguém sabia o que se havia de fazer. O Leonardo tomou a resolução de acompanhar Vidinha a ver se a detinha em caminho.

Vidinha caminhava tão depressa que a principio o Leonardo quasi que a perdia de vista; finalmente conseguiu alcança-la, e começou a pedir-lhe que voltasse, fazendo as maiores promessas de comeder-se dali em diante, e de lhe não dar mais motivos de desgosto. Vidinha porém a nada attendia, e caminhava sempre. O Leonardo recorreu a ameaças; Vidinha redobrou a passos: voltou de novo a rogativas; Vidinha caminhava sempre.

Já estavam no largo do Paço: Vidinha, quasi a correr, deixou o Leonardo umas poucas de braças atrás de si, entrou muito adiante d'elle pelo portão da ucharia a dentro, e desapareceu. O Leonardo parou um instante a resolver-se se entraria tambem ou não. Finalmente decidiu-se a entrar. No momento em que ia transpondo a soleira do portão, voltou repentinamente, e ia disparando uma carreira: uma mão magra, mas vigorosa, o deteve agarrando-o pela golla da jaqueta: era a mão do major Vidigal, com quem elle havia esbarrado ao querer entrar, e de quem pretendia fugir. Vendo que lhe seria inutil qualquer tentativa, porque

ali perto havia guarda, o Leonardo resignou-se. O major olhou para elle soltando uma risadinha maligna, e disse-lhe apenas muito pausada e descansadamente:

— Ora vamos.....

O Leonardo entendeu bem a significação daquellas duas palavras, e caminhou, ao lado do major, na direcção que este lhe indicava.



CAPITULO XVI.

FOGO DE PALHA.

Deixemos o Leonardo seguindo seu destino acompanhado do major Vidigal, e vamos ver o que se passou na ucharia depois de sua prisão. Vidinha indagou aqui, indágou ali, e lá entrou como um raio pela casa do *toma-largura*. A moça do *caldo*, achando-se nessa ocasião descuidada, soffreu um grande susto com a chegada de Vidinha, que, conhecendo por instincto ser aquella a causa de seus males, foi largando a mantilha sobre uma cadeira e investindo para ella.

— Venho aqui, disse, para lhe dizer mesmo na cara que Vm. é uma creatura sem sentimentos...

A moça não podendo atinar com a significação daquillo, ficou pasma e sem saber o que havia de responder.

Vidinha proseguiu:

— Não tem sentimento, digo-lh'o, e ninguém me ha de desdizer.

— Vamos ver que diabo de historia é esta bradou uma voz de estentor.

Era o *toma-largura* que, achando-se em casa naquella occasião, e tendo ouvido as duas primeiras apostrophes de Vidinha, chegava para dar fé do que se passava.

Por mais arrogante que fosse a voz do *toma-largura*, e por mais ameaçadora que fosse a sua figura quasi herculea, Vidinha não recuou um passo, não desfez uma ruga da testa antes pareceu mostrar que a sua presença ali favorecia suas intenções; tanto que dirigindo a elle o foi logo apostrophando também pela seguinte maneira:

— E' Vm. um homem que eu não sei para que tras barbas nessa cara....

A surpresa, e mesmo também a figura de Vidinha, decomposta pela raiva, desarmarão-n'o um pouco; e respondeu mais mansamente:

— Então, menina, veio aqui só para dizer cousas assim tão bonitas? Quem a trouxe cá?

— Ora, quem me havia de trazer? respondeu Vidinha em tom de mofa, lançando para a terceira personagem desta scena um olhar significativo; ora, quem me havia de trazer?... Qual!... eu vim só ver se podia tomar um *caldo*!...

A moça do *toma-largura* empallideceu, este regalou os olhos, e abanou com a cabeça como quem dizia — entendo, — e quiz ficar immediatamente muito zangado com a recordação daquelle facto, que a humildade de sua companheira, e talvez mesmo o seu humor, tinha feito esquecer. Vidinha porém para dizer aquellas ultimas palavras tinha serenado um pouco o seu semblante, e ganhára muito em seus encantos desfigurados até então pela raiva; além disso, ao pronunciar o — qual — do costume, descerrára um ligeiro sorriso,

deixando ver seus magníficos dentes.

O *toma-largura* parecia pertencer talvez á familia dos Leonardos; enterneceu-se immediatamente, e não teve animo senão de sorrir-se e responder em tom desconcertado:

— Ora !...

— Ora, replicou Vidinha; e então, elle não diz — ora ? — Qual ! é preciso não ter pinga de vergonha: estas duas creaturas nascêrão uma para a outra: Deus os fez e o Diabo os ajuntou; uma *toma caldo* e o outro diz — ora....

E foi tomando a mantilha e tratando de sair.

Dera tudo em fogo de palha. Ella tinha esperado achar respostas energicas ás suas invectivas, e neste pressupposto concertára mil planos de ataques, de defesa, de gritaria, de pancadas, de prisões, etc. Nada disto porém tinha succedido, e sem saber porque, ella mesma se sentia um pouco aliviada, quasi até mesmo satisfeita. Deu mais rajadas aos dous; explicou quem era, mas não disse o que queria. Afinal, sem nada ter feito sahiu dizendo:

— Ah ! pensavão que a cousa havia de ficar assim ? Disse-lhes poucas, porém boas....

O coração da mulher é assim; parece feito de palha; incendêa-se com facilidade, produz muita fumaça, mas em cinco minutos é tudo cinza que o mais leve sopro espalha e desvanece.

O *toma-largura*, apenas a viu sair, em vez de proromper n'uma matizada contra sua companheira, como ella o esperava, pallida e tremula, mostrou-se até tranquillo, pretextou um afazer, e sahiu tambem immediatamente. Andava-lhe na cabeça um plano cuja realização faria, como se costuma

dizer, cahir a sopa no mel. Vidinha tinha-o encantado; o Leonardo o havia offendido; conquistar ainda que fosse uma diminuta parcella do amor da Vidinha, seria ao mesmo tempo vingar-se do Leonardo e alcançar o triumpho de um desejo. Por mais impossivel que lhe parecesse o negocio, nem por isso esmoreceu; era tenaz e paciente.

Chegando ao portão da ucharia indagou da sentinella a direcção que Vidinha tinha tomado, seguiu por ella, e em breve alcançou-a: acompanhou-a de longe para saber-lhe da morada, e viu-a entrar em casa.



CAPITULO XVIII.

REPRESALIAS.

Quando Vidinha chegou á casa achou ainda toda a familia no maior susto e confusão pelo desatino que ella acabava de praticar: as duas velhas, ao vê-la entrar, lançárão-se-lhe ao pescoço, e cobrirão-na de abraços, de beijos e de lagrimas. Ella estava ainda porém sob a influencia das emoções violentas por que acabava de passar, e não pôde corresponder áquellas provas de amizade; atírou-se sobre uma banquinha, e levou alguma tempo calada, sem dar a menor resposta ás mil perguntas que lhe erão dirigidas. Esse silencio mais augmentava a anciedade da familia: finalmente resolveu-se ella a rompêl-o, exclamando:

— Pensavão que o caso havia de ficar assim? enganárão-se... Qual!... eu quero que fiquem sabendo para quanto presto...

— Então, rapariga, foste fazer alguma asneira...

— Asneira... qual... fiz o que faz qualquer mulher que tem sangue na guelra... E agora venha elle para cá, que temos ainda contas a ajustar...

— É verdade, e elle que ainda não veio... já tinha tempo e chegar, pois partiu logo no vosso alcance...

— É verdade... accrescentou Vidinha com certo susto; na tal cova da ueharia não entrou elle; e quando de lá sahi não o vi mais...

— Não lhe vá ter succedido alguma cousa?... O major o jurou!...

— O major?... repetirão todas com os signaes do mais visivel susto.

E levantou-se de novo em casa a confusão, porque, como os leitores terão visto, apesar dos dissabores que o Leonardo causava áquella familia, todos ali, excepto os deus primos rivaes, querião-lhe muito e muito bem. Falar a qualquer dos deus primos para que o fossem procurar, era cousa de que ninguem se lembrava, tão certos estavam que elles se havião recusar. Tiverão pois de esperar que chegasse da rua o antigo sacristão da Sé para darem as providencias precisas.

Os leitores terão talvez estranhado que em tudo quanto se tem passado em casa da familia de Vidinha não tenhamos fallado nesta ultima personagem; temo-lo feito de proposiio, para dar assim a entender que em nada disso tem elle tomado parte alguma.

Causa remota e primordial de todos estes acontecimentos, pois foi em consequencia de sua amizade que o Leonardo se juntou á familia, por muito feliz se tem dado em que não tenham cahido sobre elle inculpações de que com difficuldade se poderia defender; homem de tacto, conservára uma posição absolutamente neutral em todas aquellas lutas. Eis-aqui

pois qual a causa do nosso silencio sobre elle.

Infelizmente naquella noite recolheu-se mais tarde que do costume, e quando chegou já não era tempo de fazer cousa alguma. Toda a familia passou a noite na maior anciedade, desvanecidos de certa hora em diante as esperanças de ver chegar o Leonardo a cada momento. Ninguém duvidava mais que alguma cousa tivesse succedido ao Leonardo, e nos quadros medonhos que cada qual imaginava, a figura do major Vidigal apparecia sempre em primeiro plano; ninguém tambem duvidava que no quer que fosse que houvesse succedido ao Leonardo, o major teria por força parte activa e importante, senão principal.

Assim ao amanhecer do dia seguinte o primeiro logar onde mandarão saber d'elle foi na casa da guarda. Mas, com surpresa geral, elle não se achava nella, nem sabião noticias suas; procurou-se em diversos outros pontos, e nada de novo, nem novas nem mandados. Por lembrança de Vidinha forão procurar a comadre, e informarão-se de todo o occorrido: a pobre mulher, que tudo ignorava, poz as mãos na cabeça:

— Aquelle rapaz nasceu em mão dia, disse ella, ou então aquillo é cousa que lhe fizerão; do contrario não póde ser...

E pôz-se logo a caminho a procurar o afilhado.

Na comadre estavam fundadas todas as esperanças; ninguém duvidava que apenas ella se puzesse na rua promptamente se saberia o destino do Leonardo. Enganarão-se todos, porque nem a propria comadre foi capaz de dar com elle por tão bom caminho o tinha levado o major. Passarão muitos dias na mais completa ignorancia a respeito do seu fim;

e começarão desde então a apparecer suspeitas de que elle proprio teria talvez interesse em occultar-se e de que era essa a causa por que ainda o não havião descoberto. Estas suspeitas tomárão vulto, e uma certa indignação começou a apparecer em toda a familia contra semelhante proceder. A indignação cresceu e tomou repentinamente proporções de odio intenso, até da parte das proprias duas velhas.

Realmente, a ser verdade o que pensavão, não haveria ingratição mais negra do que a do Leonardo para com aquella que tão benignamente o acolhêra. Nas inventivas a cada momento dirigidas contra elle, Vidinha tomava sempre o primeiro logar, e tinha razão para isso; além de ter contra elle as razões que tinham todos os outros, tinha ainda o despeito do amor offendido. Em certos corações o amor é assim, tudo quanto tem de terno, de dedicado, de fiel, desaparece depois de certas provas, e transforma-se n'um incuravel odio.

Uma cousa singular notára a Vidinha desde que fôra á ucharia, e é que não se passava depois disto um só dia em que ella não visse pelo menos duas vezes o *toma-largura*. Tinha-o ella mostrado á familia, e já todos o conhecião. A principio isso incommodou-a, e tanto mais que elle não passava uma só vez que lhe não tirasse o chapéo com ar risinho: parecia-lhe semelhante cousa uma prova de desabrida falta de vergonha. Mais tarde começou a suspeitar que aquella passagem constante e aquelles cumprimentos devião por força ter alguma explicação.

Aconteceu que uma das velhas, a mãe de Vidinha, confessasse não ter achado o *toma-largura* mal apessoados; e esta idéa passou a toda a familia. Um dia uma das velhas achan-

do-se na janella com Vidinha, na occasião em que passava o *toma-largura*, disse entre dentes, e como que indifferentemente.

— Se fosse comigo, bem sabia eu cá o que havia de fazer...

Vidinha, se bem que não pedisse explicação daquelle dito, não deixou contudo de dar-lhe attenção e de scismar nelle por algum tempo.

No dia seguinte a mesma velha chamou-a para a janella á hora do dia antecedente; e o *toma-largura* passou como sempre, e fez o seu cumprimento. A velha disse nessa occasião como completando o seu pensamento da vespera:

— Ora, eu pregava um mono ao tal Leonardo.... e então *este* que era bem pregado, por ser ao mesmo tempo aos dous, a elle e a *ella*.

Lendo na intimidade do pensamento da velha, com a nossa liberdade de contador de historias, diremõs ao leitor, que o não tiver adivinhado, que aquelle — *ella* — referia-se á moça do *caído*.

Dada esta explicação, os menos perspicazes entenderão sem duvida em que consistia o mono que a velha pregaria ao Leonardo.

Vidinha, que nada tinha de pouco intelligente, comprehendeu tudo ás mil maravilhas, e com tanto mais facilidade, digamo-lo aos leitores, quando talvez que o pensamento da velha correspondesse a seus proprios pensamentos. Repetirão-se depois disto mais algumas indirectas da parte da velha, e Vidinha chegou finalmente a explicações.

Pouparemos aos leitores certos detalhes, e diremos que o

resultado de tudo aquillo foi ver-se, poucos dias depois, o *toma-largura* em casa de Vidinha fazendo uma visita á familia !!...

As visitas continuárão, e pela visinhança começou a ouvir-se um rumor que tinha tanto de malevolos como de verdadeiro.

Estavão as cousas neste pé. A paz tinha sido restituída á familia. Não sei quem propoz que se solemnizasse o restabelecimento do socego e as *navas venturas* com uma sucia para fôra da cidade. Effectuou-se semelhante pensamento. Por uma singularidade escolhêrão para logar da patuscada os — Cajueiros, — onde a familia tinha feito conhecimento com o Leonardo.

O *toma-largura* fôra convidado, nem podia deixar de sê-lo porque era elle um dos motivos da festa. Infelizmente porém tinha elle um defeito: no estado ordinario costumava beber soffrivelmente; quando tinha algum motivo de alegria costumava dobrar a dóse, e quando isto succedia dava-lhe para valentão e desordeiro. Disto resultou que no meio da sucia, na occasião de jantar, deu-se por offendido, não sabemos porque, e começou por agarrar nas pontas da esteira que servia de mesa, e fazer voar sobre a cabeça dos convivas pratos, garrafas, copos e tudo o mais. Os dous primos quizerão contê-lo, mas não o conseguirão: Vidinha chorava, as velhas se maldizião; uns tentavão restabelecer a paz, e outros augmentavão a desordem. Reinava por consequencia uma algazarra infernal.

Quando menos o esperavão, viu-se surdir d'entre as moitas o major Vidigal fechando um circulo de granadeiros que

partião da sua esquerda e de sua direita, e que encerravão toda a sucia.

— Segura aquelle homem, granadeiro, disse o major a um dos seus soldados, apontando para o *toma-largura* que se achava em pé cambaleando, tendo n'uma mão um balaio em que viera a farinha, e na outra uma garrafa com que ameaçava os circumstantes.

A' ordem do major o granadeiro hesitou: toda a familia, reunindo-se em um grupo, soltou um grito de espanto apontando para o soldado.

— Então ! replicou o major vendo aquella hesitação.

O granadeiro deu um passo para o *toma-largura*.

— Devagar com a louça, camarada, bradou este; lembre-se que ainda não ajustámos contas a respeito daquelle *caldo*.

O *toma-largura* acabava de reconhecer no granadeiro o nosso amigo Leonardo, como toda a familia o tinha reconhecido apenas elle appareceu.

Era com effeito elle.



CAPITULO XIX.

O GRANADEIRO.

Estavão pois as contas ajustadas completamente entre o Leonardo e o *toma-largura*; havião-se vingado um do outro: o ultimo golpe na luta competira ao Leonardo: elle abençoou o acaso, e mesmo o major Vidigal, por lhe ter fornecido occasião de ir arrancar dos labios de seu rival a taça da ventura. Até quasi que estimou que lhe tivessem sentado praça; e bem dissemos nós que para elle não havia fortuna que não se transformasse em desdita, e desdita de que lhe não resultasse fortuna.

O *toma-largura*, como dissemos, fôra levado pelo Leonardo; e os leitores, familiarisados com o destino que tinham todos os prisioneiros do major Vidigal, adivinhão já que lhe indicárão o caminho da casa da guarda no largo da Sé. O estado em que elle se achava não permitiu porém que o levassem até lá. Os vapores que do estomago lhe tinham subido á cabeça forão-se pouco a pouco condensando, e em meio do caminho pesavão-lhe sobre o cabeça vinte arrobas;

a cabeça, não se podendo manter, abandonou-se ao tronco, que achando o peso excessivo, quiz appellar para as pernas estas porém não erão mais fortes, e, curvando-se tremulas e bambas, derão com o valentão de ainda ha pouco estirado na calçada. Os soldados não o puderão levantar, porque era, como dissemos a principio, de uma corpulencia colossal. Foi mister pois abandonar a presa: o major não teve grande difficuldade nisso, primeiro, pelo trabalho que daria qualquer outra resolução, segundo, porque se bem que da ultima classe, sempre era o *toma-largura* gente da casa real, e nesse tempo tal qualidade trazia comsigo não pequenas immundices.

O Leonardo tentou ainda alguns meios para que lhe não escapasse assim sem resultado mais estrondoso a primeira presa que fazia, pois era isto de máo agouro para o seu futuro militar; mas tambem sua mais bella vingança estava tomada.

Ficou pois o *toma-largura* abandonado na calçada.

Satisfaçamos agora em poucas palavras a curiosidade que teem sem duvida os leitores de saber o como chegára o Leonardo á posição em que se achava. Agarrado pelo major na porta da ucharia, como se sabe, fôra por elle em pessoa conduzido a logar seguro, donde só sahira para sentar praça no Regimento Novo. Todos os batalhões que havia na cidade tinham uma companhia de granadeiros, e havendo uma vaga na companhia do Regimento Novo, fôra o Leonardo escolhido para preenchê-la. Sabendo disto o major, reclamou-o para seu serviço (porque era dessas companhias de granadeiros que se tiravão soldados para o serviço policial,) pois

como homem experimentado naquellas cousas, presentira que elle lhe seria um valioso auxiliar. Até um certo ponto o major não se enganou. Com effeito o Leonardo, sendo naturalmente astuto, e tendo até ali vivido n'uma rica escola de vadiação e peraltismo, deveria conhecer todas as manhas do officio. Havia porém uma circumstancia que o empedia de prestar bons serviços, e era que com elle proprio, com suas proprias façanhas, tinha muitas vezes o major de gastar o tempo que lhe era preciso para o demais. O poder dos habitos adquiridos era nelle tal, que nem mesmo o rigor da disciplina lhe servia de barreira.

Contemos a primeira diabrura que lhe lembrou praticar depois que vestiu farda, e que foi tanto mais sensivel quanto a principio se mostrára um soldado por tal maneira sisudo que ia quasi adquirindo reputação de rigido.

Os gaiatos e suciantes da cidade, a quem o major Vidigal dava constantemente caça, lembrárão-se de immortalisar as suas façanhas por qualquer meio, e inventárão um fado com o seguinte estribilho nas cantigas.

Papai lélé, seculorum.

Nesse fado a personagem principal representava o major que, figurado morto, vinha estender-se amortalhado no meio da sala; as demais personagens cantavão-lhe em roda cantigas allusivas, que terminavão todas pelo estribilho que acima indicámos.

O major, que disto soubera, andava em busca de uma occasião opportuna para tirar desforra de semelhante gracejo, que dava a entender qual era, a seu respeito, o desejo dos que os tinham inventado. Teve um dia denuncia que n'uma

casa do morro da Conceição se preparava para essa noite um rigoroso — *Papai lêlé*, — e dispoz as cousas para pilhar os da roda em flagrante.

A' hora opportuna mandou dous ou tres granadeiros adiante, cada um por sua vez, para examinar o que havia, tendo combinado primeiramente um signal positivo e outro negativo para indicarem uns aos outros se havia ou não occasião e motivo de dar o assalto: estes signaes o granadeiro que devia approximar-se mais da casa communicaria ao que lhe ficasse immediato; este passaria adiante, o outro faria o mesmo até chegar ao logar em que estava o major; era um verdadeiro systema de sentinellas avançadas, como se se tratasse de uma grande campanha. No caso de ser dado o signal positivo, marcharião todos vagarosamente, e se reunirião para o assalto, dado o signal negativo, dispersar-se-hião em silencio, porque um dos maiores caprichos do major era nunca mostrar que havia sido logrado. Ao Leonardo coube a incumbencia de ser a vedeta mais proxima ao inimigo, e de dar o primeiro signal. Marchou pois adiante, e os companheiros postárão-se á espera. Esperárão por longo tempo, e cançarão de esperar; finalmente, quando já se ião dispondo a contravir ás ordens e abandonar o posto para procurar o Leonardo, ouvirão tres vezes seguidas um longo assovio, que era o signal negativo convencionado. Em virtude disto dispersárão-se exasperados, e forão depois reunir-se ao major embaixo da ladeira, no logar que dá para a entrada do Aljube. Ahi reunidos, esperárão muito tempo pelo Leonardo em que elle apparecesse. O major principiou a seismar com o caso; de novo e repentinamente deu ordem de subir

o morro. Subirão com effeito, e marchando desta vez o major adiante, forão ter á casa indicada. Com surpresa de todos, apenas se forão approximando virão luzes e ouvirão o zum-zum das violas e a toada das cantigas. Fervia dentro o fado rigoroso. Sem necessitar grandes precauções, porque todos parecião entregues á maior segurança, cercou o major a casa, e apanhou tudo, como se costuma dizer, com a boea na botija. Estava-se exactamente no ponto solenne da se-
remonia.

Achava-se a personagem que representava o *Papai* amortalhado em um lençol, com a cabeça coberta, deitado no chão, e a chusma em roda a cantar e a dansar.

Quando o major bateu, e foi entrando, acompanhado da sua gente, ficou tudo gelado de medo: o sujeito que se achava amortalhado teve um grande estremeção, e ficou depois immovel, como se fosse de pedra, representando com mais propriedade do que talvez desejasse o papel de morto. Segundo seu costume, o major fez continuar por um pouco a brincadeira em sua presença. Depois começou a indagação das occupações de cada um, e, conforme o que colhia, os foi mandando embora, eu pondo de parte, para lhes dar melhor destino. Durante toda esta scena, que levou seu tempo, o amortalhado deixou-se ficar immovel, na mesma posição, com a cabeça coberta. Corrida toda a roda, disse-lhe o major:

— Olá, camarada da mortalha, então devéras você quer que o levem dahi para a cova?

Nem um movimento em resposta.

— Ah ! está morto; perdeu a falla; é natural. Silêncio profundo.

O major fez signal a um dos granadeiros, que tocou no sugeito com a ponta do camarão: nem assim porém elle sequer moveu-se. A um novo signal do major o granadeiro desandou-lhe uma tremenda lambada. Resuscitou com isso o morto, e pôz-se de um salto em pé. Procurou porém evadir-se por uma janella, conservando sempre a cabeça coberta: os granadeiros segurárão-no, e o major disse-lhe:

— Homem, você por estar morto não tenha tanta pressa de ir para o inferno: falle primeiro com a gente.

E tirando-lhe o panno da cara accrescentou:

— Ora vamos ver a cara do defunto....

Um grito de espanto, acompanhado de uma gargalhada estrondosa dos granadeiros, interrompeu o major. Descoberta a cara do *morto*, reconheceu-se ser elle o nosso amigo Leonardo !...



CAPITULO XIX.

NOVAS DIABRURAS.

Não sabemos se valeu ao Leonardo ser aquellá a primeira occasião em que incorria em castigo, tendo até então guardado a mais rigorosa observancia de todos os seus deveres, ou se a mesma audacia do facto lhe grangeára mais as sympathias do major; o caso foi que além das risadas, dos remosques dos camaradas e dos transes da meia hora que estivera amortalhado, nada mais lhe succedeu, com espanto de todos, e principalmente d'elle mesmo: o major dera daquelle modo uma grande prova de desusada benevolencia. Andou pois o Leonardo por alguns dias cabisbaixo e pensativo, como esmagado ao peso de grandes remorsos; os camaradas tiravão daquillo um partido immenso para metterem-no á bulha, e não o deixavão parar um só instante socegado na companhia

— Elle ainda não está bem resuscitado, dizia um passan-

do-lhe por perto.

— Qual ! dizia outro, elle já não é deste mundo.

— *Papai lêlé seculorum*, entoavão outros encôro.

A nenhuma destas cousas dava elle a menor resposta, e tinha nisso bom aviso, porque desse modo poupava aos desapiados camaradas thema para novos remoqueos. Passados aquelles transes tudo foi esquecido, e as cousas entrão de novo em seus eixos ordinarios.

Um dia o major annunciou que tinha uma grande e importante diligencia a fazer.

Havia um endiabrado patusco que era o typo perfeito dos capadocios daquelle tempo, sobre quem ha muitos mezes andava o major de olhos abertos, sem que entretanto tivesse achado occasião de pilha-lo: sугейtinho cuja occupação era uma indecifrável adivinhação para muita gente, sempre andava entretanto mais ou menos apatacado: tudo quanto elle possuia de maior valor era um capote em que andava constantemente embuçado, e uma viola que jámais deixava. Gozava reputação de homem muito divertido, e não havia festa de qualquer genero para a qual não fosse convidado. Em satisfazer a esses convites gastava todo o seu tempo. Ordinariamente amanhecia n'uma sucia que começára na véspera, uns annos, por exemplo; ao sahir dahi ia para um jantar de baptisado; á noite tinha uma ceia de casamento. A fama que tinha de homem divertido, e que lhe proporcionava tão bellós meios de passar o tempo, devia-a a certas habilidades, e principalmente a uma na qual não tinha rival. Tocava viola e cantava muito bem modinhas, dansava o fado com grande perfeição, fallava *lingua de negro*, e nella cantava admiravelmente, fingia-se aleijado de qualquer parte do corpo com muita naturalidade, arremedava perfeitamente a falla dos meninos da roça, sabia milhares de adivinhações, e

finalmente,—eis-aqui o seu mais raro talento,—sabia com rara perfeição fazer uma variedade infinita de caretas que ninguém era capaz de imitar. Era por consequencia as delicias das espirituosas sociedades em que se achava. Quem dava uma sucia em sua casa, e queria ter grande roda e boa companhia, bastava sómente annunciar aos convidados que o Theotonio (era este o seu nome) se acharia presente.

Agora quanto á sua occupação ou meio de vida, que para muitos era, como dissemos, impenetravel segredo, o major Vidigal tanto fez que o descobriu: em dias designados da semana reunia-se no sotão onde elle morava certo numero de pessoas que levavão até alta noite ali mettidas: Theotonio era o banqueiro de uma roda de jogo.

Nesta conformidade andava o major a querer pilha-lo em flagrante; e como tentava isso desde muito sem que o pudes-se consêguir, por ser sempre illudida a sua vigilancia pela troca constante que fazião os da roda dos seus dias de reunião, resolveu pôr a mão no Theotonio na primeira occasião, e servir se depois delle para a captura dos outros companheiros.

Como os leitores estarão lembrados, o Leonardo, isto é, o Leonardo-Pataca, vivia com a filha da comadre; della tinha um descendente, a cujo nascimento nós os fizemos assistir. Pois apesar de haver já passado algum tempo, a criança ainda não estava baptisada. O Leonardo-Pataca, a instancias da comadre, que muito se affligia com aquella demora, determinou finalmente o dia que ella se devia fazer chistã. Segundo os habitos immutaveis, havia sucia por essa occasião; e, segundo a moda, foi o Theotonio convidado. O major

soubera de tudo, e era exactamente ali que o esperava, e tinha determinado pilha-lo. Para isso dera aos seus soldados o aviso de que acima fallámos.

Era má sina do major ter sempre de andar desmanchando prazeres alheios; e infelicidade para nós que escrevemos estas linhas estar cabindo na monotonia de repetir quasi sempre as mesmas scenas com ligeiras variantes: a fidelidade porém com que acompanhamos a época, da qual pretendemos esboçar uma parte dos costumes, a isso nos obriga.

A' hora ajustada chegou o major á casa do Leonardo Pataca; como não havia o menor motivo para violencias, porque tudo corria na mais perfeita paz, o major entrou sòzinho, com previa permissão do Leonardo-Pataca, e assistiu ao divertimento. Quando elle chegou estava exactamente Theotónio em scena com as suas habilidades. Tendo esgotado já todas ellas, ia recorrer á ultima, que era a das caretas. E' preciso notar que elle não sabia só fazer caretas a capricho, sabia-as tambem fazer imitando, pouco mais ou menos, esta ou aquella cara conhecida: era isso o que fazia morrer de riso aos circumstantes.

Estavão todos sentados, e o Theotónio em pé no meio da sala olhava para um, e apresentava uma cara de velho; virava-se repentinamente para outro, e apresentava uma cara de tolo a rir-se asnaticamente; e assim por muito tempo mostrando de cada vez um typo novo. Finalmente, tendo já esgotado toda a sua arte, correu a um canto, collocou-se n'uma posição que padesse ser visto por todos ao mesmo tempo, e apresentou a sua ultima careta. Todos desatárão rir estrondosamente apontando para o major.

Acabva de imitar com muita semelhança a cara comprida e chupada do Vidigal.

O major mordeu os beiços percebendo a caçoada do Theotónio; e se já tinha boas tenções a seu respeito, ainda as formou melhor naquella occasião.

As risadas continuárão por muito tempo; e elle, não podendo affronta-las impassivel, e não havendo, como já fizemos sentir, motivo justo para um rompimento, achou mais conveniente retirar-se, e pondo-se em posição conveniente, esperar que a sucia se debandasse, para então convidar o Theotónio a ir fazer algumas caretas aos granadeiros na Casa da Guarda.

Sahio pois completamente corrido.

Encontrando os seus granadeiros que tinham ficado a pouca distancia, dirigiu-se ao Leonardo, e fez-lhe sentir que querendo a todo o custo naquella noite segurar o Theotónio, temia que os de casa desconfiassem disso e lhe dessem escapula por qualquer meio; era-lhe pois mister uma pessoa que o fosse vigiar de perto sem que despertasse suspeitas: essa pessoa devia ser o Leonardo.

— Sou mal visto em casa de meu pai, replicou este á proposta do major.

— E' hoje um bom dia de conciliação....

— Talvez não queirão receber-me....

— E sua madrinha que lá se acha ?...

— Mas a filha que é uma vibora contra mim ?...

— Vibora ou não, ha de ir; que quando manda a disciplina.... Não quero que aquelle valdevinos ande tomando impunemente a minha cara para original de caretas.

Os granadeiros, que conheciam o Theotônio e lhe sabiam da habilidade, comprehendêrão logo o que tinha succedido por aquelle dito do major, e desatárão por seu turno a rir. O Leonardo, por aquelle appello á disciplina, com a qual não se achava em muito bom pé de relações desde a noite do *Papai lélé*, venceu todas as difficuldades e repugnancia que manifestára no desempenho da missão de que o encarregára o major, e poz-se a caminho para a casa de seu pai.

Chegou e bateu: assim que de dentro lhe percebêrão as côres da farda e barretina houve um grito de medo, e por um movimento que parecia combinado (o major tinha razão) forão repentinamente apagadas todas as velas da sala, e começou a reinar uma confusão tal, que parecia haver-se travado uma luta entre todos.

O Leonardo viu nisso uma primeira contrariedade, porém não deixou de achar graça no susto que causára. Resolveu então fallar da parte de fóra para tranquillisar aos medrosos.

— Bom modo de ser recebido um filho em casa de seu pai! Para quarta-feira de trevas só lhe faltão as matracas....

A comadre, que ouvira e reconheçera a voz do afilhado, desatou a rir, exclamando:

— Vejão que logro! é o Leonardo; tragão as velas, gente: não ha novidade, que o cabo da guarda é nosso compadre.

— Aquelle brejeiro, resmoneou o Leonardo-velho, sempre ha de andara fazer das suas: vejão que susto causou a toda essa gente O' amigo Theotônio, desça, que não ha novidade....

A luz da primeira vela que trazião viu-se descer por uma

porta o Theotonio do forro do quarto da sala onde se havia escondido.

Apenas pôz o pé em terra fez logo uma careta de medo, por tal fôrma expressiva, que houve em todos uma tremenda explosão de hilaridade. Começou a surdir gente de diversos cantos da casa, e em presença do Leonardo recomeçou a folia.

Algumas pessoas não deixarão de estranhar e receiar a presença do Leonardo naquella occasião e naquelles trajas logo depois da saída do major; porém a comadre a todos tranquilisou, dizendo que tendo elle obtido licença no quartel, por não estar de serviço naquelle dia, viera assistir ao baptisado de sua irmã.

— Elle é meio doudo, repetia ella a todos, mas é muito amoroso, e nunca se esquece da familia.

Leonardo confirmava esses protestos da comadre, e ia entretanto tomando parte na brincadeira, uma vez que contra as suas esperanças todos o havião recebido bem em casa. A proporção que se ia esquentando no prazer do fado e das cantigas começou o Leonardo a sentir remorsos pelo papel de judas que ali estava representando: quando olhava para o Theotonio, que desde que entrára lhe havia feito dar tão boas risadas, pungia-lhe o coração lembrando-se que elle proprio o havia de entregar ao major. Não poucas vezes lhe passou pela cabeça dar-lhe escapula avisando-o, porém a disciplina, o *Papai lêlé*, vinhão-lhe á idéa, e hesitava.

Emquanto era assaltado por estes pensamentos olhava repetidas vezes para o Theotonio.

Este que nada tinha de tolo, desconfiou da cousa: não sa-

bemos por que instincto leu o que pensava o Leonardo, e pôz-se em guarda.

O Leonardo tomou repentinamente sua resolução.

— Ora, adeus disciplina, disse consigo; hei de dar escapula ao homem, seja lá como fôr.

E do logar em que estava accrescentou alto:

— Ah! Sr. Theotónio, quer saber uma cousa? Pois se puzer o pé daquella porta para fóra, o major põe-lhe a unha, que para isso está elle á sua espera, e para aqui me mandou....

— O' diabo! exclamarão todos.

— Mas nada de sustos; tudo se ha de arranjar, que tenho eu boa vontade disto.

— Mas não te compromettas, rapaz, accrescentou a comadre ao ouvido do Leonardo; olha que o major não é de graças, e dahi te pode vir mal.

— Ora, tenho pena delle só por aquellas caretas.

Juntarão-se então os dous, Leonardo e Theotónio, e juntos concertarão o seu plano de modo que este escapasse ao major, e que aquelle não fosse compromettido.

Estava já a noite muito adiantada, ordenarão os dous que sahissem ao mesmo tempo muitos convidados, e o Leonardo, partindo adiante delles, foi correndo ter com o major.

— Ah! vem o bicho, Sr. major.

— Cerca, cerca! disse o major.

E cada um se dividiu para seu lado.

O major colou-se á porta de um corredor, e pôz-se d'olho aberta.

Veu-se approximando ao major um vulto assobiando.

tranquillamente o estribilho de uma modinha. Quando se achou em pequena distancia o major deu um salto donde estava e segurou-o.

Um ai franzino se fez ouvir, acompanhado de um:

— Me largue ! Que é isto ?

O major prestou attenção, não tendo reconhecido a voz do Theotonio, e viu que tinha segurado n'um pobre corcunda, aleijado, ainda em cima da perna direita e do braço esquerdo.

— Ora vá-se para o inferno, disse o major; suma-se daqui. Tambem não sei o que andão fazendo a estas horas pelas ruas estas figuras.

O aleijado safou-se apressadamente livre do susto, e lá foi continuando a assobiar o seu estribilho.

Fez-se depois disto o mais profundo silencio, e o major não viu mais passar senão os convidados da patuscada, não vendo entre elles o Theotonio.

Então ardeu com o caso; e reunindo os granadeiros disse para Leonardo:

— Elle não sahiu.....

— Sahiu, replicou este; até de jaqueta branca e chapéo de palha: eu o vi tomar ali para a porta onde estava o Sr. major.

— De jaqueta branca e chapéo de palha? perguntou o major.

— Sim, senhor, e de calça preta: não o peguei porque logo vi que não havia de escapar ao Sr. major.

— Ah ! patife, patife, resmungou: destas nunca levei... Era o corcunda, o aleijado.....

— Elle sabe fazer muito bem de corcunda e de aleijado, disse um dos granadeiros; já o vi uma vez fazer isso, que era mesmo tal e qual.....

Era com effeito o Theotonio o aleijado que o major tinha segurado.

O Leonardo ria-se ás furtadelas do logro que levára o major.

Não tardou porém muito tempo que lhe não amargasse aquelle prazer, vindo o major a saber que tudo aquillo se fizera de combinação com elle.



CAPITULO XXI.

DESCOBERTA.

E' muito antigo dizer-se que ha uma cousa ainda peor do que um inimigo, e é um máo amigo. Um dos convidados do Leonardo-Pataca dizia-se muito amigo do Theotonio, e pelo empenho que o Leonardo mostrára em livra-lo das garras do major, protestára desde logo repartir com elle parte dessa amizade, sem que nenhum dos dous ficasse prejudicado. Poucos instantes depois desse protesto deu logo a primeira prova de que estava disposto a cumpri-lo.

Emquanto se passavão as scenas que acabamos de descrever tinha amanhecido: o major e sua gente punhão-se em retirada: ainda se achavão porém nas immedições do lugar onde se havia feito a tentativa para prender o Theotonio, quando o tal amigo a que nos referimos, que fôra um dos ultimos a retirar-se, encontrando a patrulha, e vendo que o Theotonio não ia no meio della, concluiu que os planos haviam sortido bem, e que o major ficára desta vez logrado. Teve por isso um accesso de alegria; e esquecendo a pre-

sença do major, correu ao Leonardo, abraçou-o, exclamando com arrebatado ímpeto:

— Bravo! como esta não fazes duas em toda a tua vida; foi limpa; *elle* ha de ficar-te obrigado para sempre, e eu com *elle*, porque sou seu amigo e teu tambem!

O Leonardo ficou estatico diante de semelhante imprudencia. O major, que ia cabisbaixo pensando no logro que acabára de levar, voltou-se repentinamente: a palavra *elle*, proferida pelo terrivel amigo, abriu luz a seus olhos. O Leonardo foi tirado do torpor em que se achava pela voz do major a dizer-lhe compassadamente:

— Recolha-se preso ao quartel.

A esta sentença o Leonardo ergueu do fundo d' alma tudo quanto havia ahi de despeito, de rancor, e lançou um olhar sobre o imprudente que a havia provocado, e que ainda muito senhor de si ápertava-lhe desapiadadamente a mão, que parecia não estar disposto a largar tão cedo.

Deixemos agora o Leonardo, victima de sua dedicação, caminhar preso para o quartel, e passemos a outras cousas. Ha muito tempo que não fallamos em D. Maria e na sua gente. Saibão os leitores que, passada a lua de mel, em que tudo forão rosas, o nosso José Manoel puzera, como se costuma dizer, as mangas de fóra, e taes cousas fez, que em poucos mezes estava tudo em guerra aberta: tinha se elle com sua mulher Luizinha mudado de casa de D. Maria, e por causa do dote vai, dote vem, herança daqui, herança dali, havia-lhe D. Maria proposto uma acção por tal sorte complicada, que era de desconfiar que não bastassem para ver-lhe o fim os dias que restavão de vida á pobre velha.

Tinha-se José Manoel tornado para Luizinha um verdadeiro marido-dragão, desses que só aquelle tempo os conta-lão perfectos, que são um supplicio constante para as mulheres. Depois que se havia mudado de casa de D. Maria, nunca mais Luizinha vira o ar da rua senão ás furtadelas; pelas frestas da rotula: então chorava ella aquella liberdade de que gozava outr'ora; aquelles passeios e aquellas palestras á porta em noite de luar; aquelles domingos de missa na Sé, ao lado de sua tia com o seu rancho de erioulinhas atrás; as visitas que recebiam, e o Leonardo de quem tinha saudades, e tudo aquillo enfim a que não dava nesse tempo muito apreço, mas que agora lhe parecia tão bello e tão agradável. Tendo-se casado com José Manoel, para seguir a vontade de D. Maria, votava a seu marido uma enorme indifferença, que é talvez o peor de todos os odios.

Pois a vida de Luizinha, depois de casada, representava com fidelidade a vida do maior numero das moças que então se casavam: era por isso que as Vidinhas não eram raras, e que poucas familias haviam que não tivessem a lamentar um desgostozinho no genero do que soffreu aquella pobre familia, pue indo ao Oratorio de Pedra viera dizimada para casa, e cuja historia serviu de thema ás intrigas da comadre; quando quiz pôr a José Manoel fóra do lance.

Ora, é claro que tendo D. Maria ficado um pouco séria com a comadre por causa de toda aquella intriga que precedara ao casamento de José Manoel com sua sobrinha, agora, que estava com este de candêas ás avessas, se realtasse o laço da amizade que por um pouco afrouxára: succedia assim com effeito.

Um dia as duas encontráram-se na missa, tornáram-se a fallar; as desgraças do Leonardo, que fizeram thema a essa conversação, enternecerão a D. Maria, que por seu turno também referiu á comadre tudo quanto succedia agora á pobre Luizinha.

— Ai, senhora! dizia a comadre referindo-se a José Manoel, parece que me roncava cá o quer que seja quando via aquelle maldito; arrenego do homem que é um valdevinos ás direitas. Aquillo ha de levar a pobre menina á sepultura. Coitada! bem criada e mal fadada!

— Nunca pensei, creatura, nunca pensei que succedesse tal... Mas aquillo como era finorio! que palavrinhas doces! que santidade aquella! Agora, senhora, sou eu capaz de acreditar na historia da moça furtada no Oratorio de Pedra: elle tem bofes para tal... Mas hei de me ver vingada, oh! se hei de! tão certo como estar eu aqui: os desembargadores lá estão, que me hão de dar esse gosto espero isso em Deus.

Desta conversa, e do mais que se seguiu, nasceu a conciliação das duas.

Quando certas amizades são uma vez interrompidas, tendo mesmo soffrido um leve estremecimento, è difficil que voltem depois ao estado primitivo; com outras amizades acontece porém o inverso; os estremecimentos aproveitam, porque é facil a volta da paz, e parece que depois disto se tornão mais estreitas. A amizade que existia entre D. Maria e a comadre era deste ultimo genero. Portanto depois daquella conversa na missa, não só voltáram as relações entre as duas ao seu primitivo estado, como se tornáram mais que

nunca solidas. Dahi em diante não houve um só segredo entre as duas que não fosse mutuamente communicado, e ellas fizeram pacto de se ajudarem reciprocamente para dar remedio, uma aos males da sobrinha, outra ás diabruras do afilhado.

O Leonardo, como dissemos, achava-se preso; fizera dis-so sciente á madrinha, que se pôz logo em alvoroço, não só pelo facto em si, como pelo generoso motivo que o havia occasionado. O primeiro passo pois que tiverão a dar as duas, D. Maria e a comadre, em virtude do seu pacto, foi tratar de alcançar a soltura do Leonardo, e livra-lo do mais que (sabe Deus) lhe estaria preparado.

Vamos ver como se houverão em semelhante empenho.



CAPITULO XXII.

EMPENHOS.

O primeiro passo que deu a comadre foi dirigir-se á casa do major a entecer pelo Leonardo; o major porém mostrou-se inflexivel: o caso era grave, já não era o primeiro; a disciplina não podia ser impunemente offendida mais de uma vez; o castigo devia ser infallivel e grande. A comadre, que fôra cheia de boas esperanças, soube pelo major o que ignorava, o que nem mesmo suppunha: o Leonardo não só ficaria por mais tempo preso, como teria de ser chibatado... A pobre mulher, apenas lhe declarou isto o major, cahiu de joelhos, chorou, lamentou-se; tudo porém debalde. Sahiu desesperada, e com a mantilha cabida, toda em desalinho, correu, voou á casa de D. Maria. Ao vê-la entrar naquello estado, D. Maria ergueu-se da sua banquinha, e largou a almofada da renda.

— Que tendes, creatura? que tendes? exclamou. Santo Christo! o que é? Fallai!...

— Ai, Sra. D. Maria do meu coração! que desgraça! res-

pondeu a comadre: que má sina de rapaz... Ora veja o que me succede por ter feito uma boa acção!... E eu que soffro e que sinto como se fosse meu filho....

E os soluços a suffocárão.

— Falle, senhora, replicou D. Maria; falle, que me põe n'uma afflicção...

— Vai apanhar, D. Maria.... vai apanhar de chibata... elle... o Leonardo...

— Meu Deus, pobre rapaz: ora vejão tudo em que deu; é sina, coitado! aquelle rapaz não nasceu em bom dia; não comadre; isso sou eu capaz de jurar pela salvação da minha alma... Mas não fallou com o major? Que lhe disse elle?

— Duro como uma pedra, senhora; a nada se moveu: pedi-lhe pelas Cinco Chagas, pela Senhora Santissima... tudo embalde, tudo em vão.

Está bom não se afflija, comadre; ainda ha um meio que eu penso que não ha de falhar: vamos á casa *dela*, que por lá é caminho certo; ella dá-se muito comigo, ha de pedir pelo moço.

— Já me tinha lembrado disso; mas na tribulação em que vinha tornou-me a esquecer; se com ella não se arranjar alguma cousa..... está tudo perdido.

Os leitores estão já curiosos por saber quem é *ella*, e tem razão; vamos já satisfazê-los. O major era peccador antigo, e no seu tempo fôra daquelles de quem se diz que não derão o seu quinhão ao vigário: restava-lhe ainda hoje *alguma cousa* que ás vezes lhe recordava o passado: essa *alguma cousa* era a Maria-Regalada que morava na Prainha. Maria-Regalada fôra no seu tempo uma mocetona de truz, como vulgar-

mente se diz: era de um genio sobremaneira folgazão, vivia em continua alegria, ria-se de tudo, e de cada vez que se ria fazia-o por muito tempo e com muito gosto: dahi é que vinha o appellido—*regalada*—que havião iuntado ao seu nome.

Isto de appellidos, era no tempo desta historia uma cousa muito commum; não estranhem pois os leitores que muitas das personagens que aqui figurão tenham esse appendice ao seu nome.

Dizem todos e os poetas jurão e tresjurão, que o verdadeiro amor é o primeiro; temos estudado a materia, e acreditamos hoje que não ha que fiar em poetas: chegámos por nossas investigações á conclusão de que o verdadeiro amor, ou são todos ou é um só, e neste caso não é o primeiro, é o ultimo. O ultimo é que é o verdadeiro, porque é o unico que não muda. As leitoras que não concordarem com esta doutrina convenção-me do contrario, se são disso capazes.

Isto tudo vem para dizermos que Maria-Regalada tinha um verdadeiro amor ao major Vidigal; o major pagava-lh'o na mesma moeda. Ora, D. Maria era uma das camaradas mais do coração de Maria-Regalada. Eis-Ahi porque falando da D. Maria e a comadre se mostrarão tão esperanças das a respeito da sorte do Leonardo.

Já naquelle tempo (e dizem que é defeito do nosso) o empenho, o compadresco, erão uma mola real de todo o movimento social.

— Vai mandar apromptar a cadeirinha, disse D. Maria a uma de suas escravas.

— Vamos, senhora, vamos, que isto são os meus peccado-velhos.

D. Maria apromptou-se, metteu-se na sua cadeirinha; a comadre tomou a mantilha, e partirão para a Prainha.

Maria-Regalada recebeu-as com uma boa risada.

— Que milagre de Santa Engracia ! que fortuna ! que alegria ! O que a traz por aqui ? Isto é grande novidade !

— E' novidade, sim, respondeu D. Maria, porém triste novidade.

Com as honras do estylo, que não erão muitas naquelle tempo, foi a comadre apresentada, porque não era conhecida de Maria-Regalada. Primeiro D. Maria, depois a comadre, contarão, cada uma por sua parte, a historia do Leonardo com todos os detalhes, e depois de innumerados rodeios, que puzerão a arder a paciencia da ouvinte, e quasi a fizerão morrer de curiosidade, chegarão finalmente ao ponto importante, ao motivo que ali as levára; querião nada menos do que a soltura e perdão do Leonardo, e contavão para alcançar semelhante cousa com a influencia da Maria-Regalada sobre o major.

— Ora, disse esta tomando um ar de modestia, eu já não presto para nada... isso era bom n'outro tempo... agora... o major... as cousas estão mudadas, D. Maria... depois que elle se metteu na policia... nem mais nem hontem... quem sabe o que por lá vai !... Mas enfim, D. Maria, eu não sei dizer que não, tenho o coração assim, o sempre o tive... no meu tempo muita gente se aproveitou disto... Eu farei o que puder; vou fallar-lhe... talvez que elle me queira attender...

— Ha de attender, ha de, respondeu a comadre; elle já não está tão velho que se tenha esquecido de todo do tempore dantes.

— Veremos, veremos. A' Sra. comadre sabe lá o que são homens?!...

— Diga-me a mim... se sei!... acudiu esta promptamente.

— Mas então, atalhou D. Maria, o negocio requer toda a pressa, porque de um instante para outro podem chegar a farda ao corpo do pobre rapaz, e depois nem S. Antonio a tira.

— Não ha de haver novidade; ainda havemos chegar a tempo, com a graça de Deus. Para maior segurança vamos todas tres daquia á casa do maior, e cada uma por nosso lado faremos tudo para livrar o moço.

Maria-Regalada vestiu-se á pressa, tomou a sua mantilha, e ao lado da cadeirinha em que ia D. Maria partirão para a casa do major.

CAPITULO XXII.

AS TRES EM COMISSÃO.

Partirão pois as tres para a casa do major, que morava então na rua da Misericordia, uma das mais antigas da cidade. O major recebeu-as de rodaque de chita e tamancos, não tendo a principio supposto o quilate da visita; apenas porém reconheceu as tres, correu apressado á camarinha vizinha, e envergou o mais depressa que pôde a farda; como o tempo urgia, e era uma incivilidade deixar sós as senhoras, não completou o uniforme, e voltou de novo á sala de farda, calças de enfiar, tamancos, e um lenço de Alcobaça sobre o hombro, segundo seu uso. A comadre, ao vê-lo assim, apesar da afflicção em que se achava, mal pôde conter uma risada que lhe veio aos labios. Os cumprimentos da recepção passárão sem novidade. Na atropellação em que entrára o major a comadre enxergou logo um bom agouro para o resultado do seu negocio. Accrescia ainda em seu favor que o major guardava na sua velhice doces recordações da mocidade, e apenas se via cercado por mulheres, se

não era em logar publico e em circumstancias em que a disciplina pudesse ficar lesada, tornava-se um babão, como só se poderia encontrar segundo no velho Leonardo. Se estas lhe davão então no fraco, se lhe fazião um elogio, se lhe fazião uma caricia por mais estupidamente fingida que fosse, arrancavão delle tudo quanto querião; elle proprio espontaneamente se offerecia para o que podião desejar, e ainda em cima ficava muito obrigado. Comtudo, posto que a comadre soubesse já desta circumstancia com antecipação, ou o presentisse pelas apparencias, a gravidade do negocio de que se tratava era tal, que nem isso bastou para tranquillisa-la. Dispôz-se para o ataque, ajudada por suas companheiras, que, apesar de mais estranhas á sorte do Leonardo, nem por isso se ligavão menos á sua causa. Houve um momento de perplexidade para decidir-se quem seria o orador da commissão. O major percebem isto, e teve um lampejo de orgulho por ver assim tres mulheres confundidas e atrapalhadas diante de sua alta pessoa; fez um movimento como para anima-las, arrastando sem querer os tamancos.

— Oh! de tamancos e farda não está má..... Senhoras donas, cousas de velho; no meu tempo não fazia eu destas....

— D. Maria que o diga, acudiu logo a comadre referindo-se a Maria-Regalada, e querendo fazer brecha fosse por onde fosse; mas não importa; o negocio é outro.....

— E' verdade, Sr. major, o bom tempo já lá foi.

— E Deos perdõe a quem delle tem saudades, retorquiu o major rindo-se com um riso rugoso de velha sensualidade.....

— Sim, sim, tornou a Maria-Regalada; mas deixe essas

cousas todas para logo.....

— Ai creatura, acudiu D. Maria, que até então estivera calada, cançada talvez do numero prodigioso de misuras que fizera ao entrar; deixar cada um lembrar-se do seu tempo, isto consola; eu cá gosto bem quando acho.....

— E' como eu, responde o major; em se me tocando cá nas feridas antigas.....

— Pois é mesmo por me lembrar destas feridas antigas, atalhou a Maria-Regalada que venho aqui com estas senhoras donas, que o Sr. major bem conhece; e se não forão ellas cá não viera, pois o negocio é sério.....

A comadrê achou occasião bem apanhada, e fez com a cabeça um signal de approvação.

— Vamos lá ver o que é o tal negocio sério, respondeu o major atinondo, pela presença da comadre, pouco mais ou menos com o que era, e pelo que fez um signal duvidoso com a cabeça, ou para fazer-se de bom, ou porque realmente não quizesse abrir largas esperanças.

A interlocutora proseguiu:

— O seu granadeiro Leonardo é um bom rapaz.

O major arqueou franzindo as sobrancelhas, e repuxou os beiços, como quem não concordava *intotum* com aquillo...

— Não me comece já com cousas, Sr. major. Pois é, sim, senhor, muito bom rapaz, e não ha razão para ser castigado, por causa de uma cousa nenhuma que fez... Isso não é razão, não, senhor, para se mandar tocar de chibata um moço que não é nenhum valdevinos; pois o Sr. major bem sabe que o padrinho quando morreu deixou-lhe alguma cousa, que bem lhe podia estar já nas mãos, e elle por isso lie

vre da maldita farda, a quem sempre tive zanga (menos d-uma que bem-se sabe) se o pai que tem... mas deixemos o pri que não vem nada ao caso...

— Já sei de tudo, já sei de tudo, atalhou o major.

— Ainda não, Sr. major, observou a comadre, ainda não sabe do melhor, e é que o que elle praticou naquella occasião quasi que não estava nas suas mãos. Bem sabe que um filho na casa de seu pai...

— Mas um filho quando é soldado, retorquiu o major com toda a gravidade disciplinar...

— Nem por isso deixa de ser filho, tornou D. Maria.

— Bem sei, mas a lei?

— Ora a lei... o que é a lei, se o Sr. major quizer ?...

O major sorriu-se com candida modestia. A discussão foi-se assim animando; porém o major nada de ceder, até pelo contrario parecia mais inflexivel do que nunca; chegou mesmo a pôr-se em pé e a fallar muito exaltadamente contra o attentado do Leonardo, e a necessidade de um severo castigo. Era engraçado vê-lo no bonito uniforme que indicámos, de pé, fazendo um sermão sobre a disciplina, diante daquellas tres ouvintes tão incredulas que resistião aos mais fortes argumentos.

Ainda porém não tinham as tres esgotado contra elle o ultimo recurso; puzerão-no pois em acção.

Quando mais influido estava o major, as tres, a uma só tempo, e como de combinação, desatarão a chorar... O major parou... encarou-as um instante: seu semblante foi-se visivelmente enternecendo, enrugando, e por fim desatou tambem a chorar de enternecido. Apenas as tres se aperse-

bêrão deste triumpho carregarão sobre o inimigo.

Foi então uma algazarra. uma choradeira sem nome, capaz de mover as pedras.

O major de enternecido foi passando a atordoado, e como que ficou envergonhado das lagrimas que lhe corrião pelas faces: enxugou-as, e procurou reassumir toda a sua antiga gravidade.

— Nada disse desembaraçando-se daz tres, e passeiando a passos largos pela sala; nada: que havião dizer de mim se me vissem aqui nestas choramingas de crianças? Eu, o major o Vidigal, a chorar no meio de tres mulheres!... Senhoras donas, o caso é grave, e não lhe vejo remedio; o exemplo, a disciplina, as leis militares.... nada, não póde ser....

E deu as costas ás tres, continuando a passeiar e a fazer resoar com força os tamances no assoalho.

Maria-Regalada disse baixo ás duas. em cujos semblantes já nem transluzia o mais pequeno vislumbre de esperança:

— Ainda não está tudo perdido.....

E dirigindo-se ao major accrescentou:

— Bem, Sr. major; aguas passadas não moem moinho.....

Qual passadas, senhora dona! mas bem vê que o caso é grave.....

— Seja lá o que fôr, sinto ter perdido meus passos. e não servir a quem desejava; verdade seja que eu já contava com isso, e tambem não prometti.... Mas em ultimo logar quero sempre dizer-lhe uma cousa, mas ha de ser em particular.....

---Vamos lá, estou prompto.

Quem tivesse alguma perspicacia conheceria, não com grande facilidade, que o major estava ha muito tempo dis-

posto a ceder, porém que queria fazer-se rogado.

Maria-Regalada levou então o major para um canto da sala, e disse-lhe ao ouvido algumas palavras. O major, desanuviou o rosto, remexeu-se todo, coçou a cabeça, balançou com as pernas, mordeu os beiços.

— Ora esta ! disse em voz baixa á sua interlocutora; pois era preciso fallar nisto ? Emfim.....

— Ora, graças que se lhe acabarão os sestros, respondeu Maria-Regalada em voz alta:

— Sim ?!... exclamarão as duas sorrindo de esperança.

— Eu bem dizia que o Sr. major tinha bom coração.....

— Eu nunca duvidei, apesar de tudo..... mas agora, o passado, passado; o caso era grave, como elle dizia, e foi um favor !.....

— Então, D. Maria ? Quem foi rei sempre teve magestade.....

— Magestade..... qual ! isso já não é para mim.....

O major atalhou esta explosão de gratidão que levava vises de ir longe.

— Hão de ficar ainda mais contentes comigo..... não lhes digo porque, mas verão.....

— Esta agora é que é grande; veremos o que será...

— Já sei: é.....

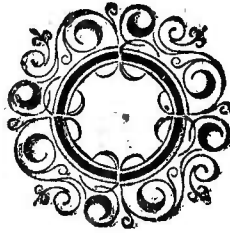
— Ha de ser por força.....

— Estou quasi adivinhando:

— Sabem que mais ? atalhou o major; são horas de uma diligencia a que não posso faltar..... O rapaz está livre de tudo; com tanto que, accrescentou dirigindo-se a Maria-Regalada, o dito, dito.....

— Eu nunca faltei á minha palavra, replicou esta.

Retirárão-se as tres cheias do maior contentamento, e o major sahiu depois tambem para cumprir a sua promessa,



CAPITULO XXIII.

A MORTE E' JUIZ.

D. Maria dirigiu-se immediatamente para casa na sua cadeirinha. Ao chegar notou grande rumor e alvoroço, e tratou logo de indagar a causa. Um escravo de sua sobrinha a esperava com uma carta. Apenas a leu, D. Maria, não diremos que se entristeceu, porém mostrou-se muito atrapalhada.

— Não entrem com a cadeirinha; esperem lá, que torno a sair.

E com effeito metteu-se de novo nella, e mandou que seguissem para casa de sua sobrinha.

O caso era o seguinte: José Manoel entrára para casa em braços, tendo sido acommettido na rua de um violento ataque apopletico ao voltar do cartorio, onde tivera uma grave contestação com o procurador de D. Maria, por causa da demanda que entretinhão. Luizinha, a coitada, vendo-se naquelles apuros, sem saber o que fizesse, despachára logo portador para casa de sua tia.

D. Maria apenas entrou mandou chamar o licenciado, que depois de examinar o doente declarou que era caso perdido. Fizerão-se entretanto algumas applicações, que não tiveram resultado algum.

— Estás viuva, menina, disse D. Maria alguma coisa compungida com a declaração do medico.

Luizinha pôz-se a chorar, mas como choraria por qualquer vivente, porque tinha coração terno.

Estavão presentes algumas pessoas da vizinhança, e uma dellas disse baixinho á outra, vendo o pranto de Luizinha:

— Não são lagrimas de viuva.....

E não erão, nós já o dissemos; o mundo faz disso as mais das vezes um crime. E os antecedentes? Por ventura ante seu coração fôra José Manoel marido de Luizinha? Nunea o fôra senão ante as conveniencias, e para as conveniencias aquellas lagrimas bastavão. Nem o medico nem D. Maria se havião enganado: á noitinha José Manoel expirou.

No dia seguinte fizeram-se os preparativos para o enterro. A comadre, informada de tudo, compareceu pezarosa a prestar seus bons officios, suas consolações.

O enterro sahiu acompanhado pela gente da amizade: os escravos da casa fizeram uma algazarra tremenda. A vizinhança pôz-se toda á janella, e tudo foi analysado, desde as argolas e galões do caixão até o numero e qualidades dos convidados; e sobre cada um desses pontos apparecêrão tres ou quatro opiniões diversas.

Naquelles tempos ainda se não usavão os discursos funebres, nem os necrologios, que hoje andão tanto em voga; escapámos pois de mais essa. José Manoel dorme em pa^z

no seu derradeiro jazigo.

Como havia promettido a comadre, alguém chegou quasi ao anoitecer. Era o Leonardo. Quando elle entrou na sala D. Maria não pôde conter um grito de surpresa.

Vinha em completo uniforme de sargento da companhia do granadeiros !

— Como ! olhem o major. E então ?!

— E' verdade, senhora dona, respondeu o Leonardo; a elle tudo devo.

Foi aquillo objecto de geral espanto. Ficarião todos muito contentes com a simples soltura do Leonardo; e não só elle apparecia solto e livre, como até elevado ao posto de sargento, o que já não é no exercito pouca cousa.

O Leonardo começou a procurar com os lhos alguma cousa ou alguém que tinha curiosidade de ver; deu com o que procurava: era Luizinha. Ha muito que os dous se não vião; não puderão pois occultar o embaraço de que se achárão tomados. E foi tanto maior essa emoção, que ambos ficárão sorprendidos um do outro. Luizinha achou Leonardo um guapo rapagão de bigodes e suissa; elegante até onde pôde sê-lo, um soldado de granadeiros, com o seu uniforme de sargento bem assente. Leonardo achou Luizinha uma moça espigada, airosa mesmo, olhos e cabellos pretos, tendo perdido todo aquelle acanhamento physico do outr'ora. Além disso seus olhos, avermelhados pelas lagrimas, seu rosto empallidecido, se não verdadeiramente pelos desgostos daquelle dia, seguramente pelos antecedentes, tinham nessa occasião um toque de belleza melancolica, que em regra geral não devia prender muito a attenção de um sargento

de granadeiros, mas que enterneceu ao sargento Leonardo que, apesar de tudo, não era um sargento como qualquer. E tanto assim, que durante a scena muda que se passou, quando os dous derão com os olhos um no outro, passarão rapidamente pelo pensamento Leonardo os lances de sua vida de outr'ora, e remontando de facto em facto, chegou áquella ridicula mas ingenua scena da sua declaração de amor a Luizinha. Pareceu-lhe que tinha então escolhido mal a occasião, e que agora isso teria um logar muito mais acertado.

A comadre, que dava uma perspicaz attenção a tudo o que se passava, como que leu na alma do afilhado aquelles pensamentos todos; fez um gesto quasi imperceptivel de alegria: raiava-lhe na mente alguma idéa luminosa. Começou então a retrazar um antigo plano em cuja execução por muito tempo trabalhava, e cujas probabilidades de exito lhe havião reapparecido no que se acabava de passar.

Passada a primeira emoção, Luizinha ergueu-se e fez ao Leonardo um acanhado cumprimento: este correspondeu-lhe com alguma cousa entre cumprimento paisano e continencia militar.

A comadre rompeu depois disto a conversa, procurando entreter D. Maria, e deixar os dous entregues a si.

— Diga-me, disse ella dirigindo-se a D. Maria, e aquella sua demanda com o defunto?

— A morte foi desta vez juiz. Elle não tem herdeiros; era sò no mundo..... Eu não levei a minha *avance*, é verdade, porque enfim não posso dizer que venci; mas tambem não perdi. Agora sim, tenho muito gosto de entregar tudo á menina, mas não queria que me levassem as cousas senão

por minha muito livre vontade.

— Está bem; o passado já lá vai: Deus é assim, escreve direito por linhas tortas.

E por ali adiante empenhárão-se na sua conversa. Os dous, depois de algum tempo de silencio, como já se tinham retirado todas as visitas, forão pouco e pouco, de palavra em palavra, travando dialogo, e conversavão no fim de algum tempo tão empenhadamente como a comadre e D. Maria com a differença que a conversa daquellas duas era alta, desbaraçada; a delles baixa e reservada.

Não ha nada que interrompida mais depressa se reate do que seja a familiaridade em que o coração é interessado. Não se estranhe pois que Luizinha e Leonardo a ella se entregassem.

E querem ver uma singularidade que ás vezes se repete? Depois que se fizera moça; e que tomára estado, nunca Luizinha tinha tido momentos de tão verdadeiro prazer como os que ali estava gozando naquella conversa, n'um dia de luto, quando acabava de saber o caixão que levára á sepultura aquelle que devia ter feito a sua felicidade. O Leonardo tambem por sua vez, nunca, no meio de todas as vicissitudes de sua vida extravagante, tinha tido instantes que tão rapidos lhe corressem do que aquelles em que via o objecto de seus primeiros amores sob o peso do infortunio em um dia de pranto.

Pois parece que estas mesmas circumstancias reavivárão o passado: a comadre folgava lá no seu lugar com tudo aquillo, e, parecendo prestar toda a attenção a D. Maria, não perdia uma só circumstancia.

Finalmente chegou a hora da retirada, não da comadre, que se offereceu para fazer companhia á viuva, porém de Leonardo, a quem esperava o major, porque era dia de serviço, e apenas tinha elle obtido licença para cumprir o duplo dever de dar os pezames a D. Maria, e agradecer o interesse que por elle havia tomado, fazendo por intermedio de Maria-Regalada que o major não só lhe alcançasse perdão do castigo que lhe era destinado, como também o accesso de posto que repentinamente tivera.

Luizinha involuntariamente estendeu á despedida a mão ao Leonardo, que lh'a apertou com força.

Ora, isto naquelle tempo era bastante para dar que fallar ao mundo inteiro!



CAPITULOXXV.

CONCLUSÃO FELIZ.

A comadre passou com a viuva e sua tia quasi todo o tempo do nojo, o acompanhou-as á missa do septimo dia. O Leonardo compareceu tambem nessa occasião, e levou a familia á casa depois de acabado o sacrificio.

Aquelle aperto de mão que no dia do enterro de seu marido Luizinha dera ao Leonardo não cahira no chão a D. Maria, assim como tambem lhe não escapárão muitos outros factos consecutivos a esse.

O caso é que não lhe parecia extravagante certa idéa que lhe andava na mente.

Muitas vezes, ao cahir de Ave-Maria, quando a boa da velha se sentava a rezar na sua banquinha em um canto da sala, entre um Padre-Nosso e uma Ave-Maria do seu bem-dito rosario vinha-lhe á idéa casar de novo a fresca viuvinha, que corria o risco de ficar de um momento para outro desamparada n'um mundo em que maridos, como José Manoel, não são difficeis de apparecer, especialmente a uma viuvinha apatacada.

Ao mesmo tempo que lhe vinha esta idéa lembrava-se de Leonardo, que amára a sua sobrinha no tempo da infância, e que era, apesar de extravagante, um bom moço, não de todo desarranjado, graças á benevolencia do padrinho barbeiro.

Verdade é que se não sabião bem ao contas que seu pai havia feito a esse respeito; mas como era cousa que constava de verba testamentaria, D. Maria nada via de mais facil do que propor uma demanda, cujo resultado não serio duvidoso.

Havia porém no meio de tudo uma circumstancia que lhe desconcertava os planos. O Leonardo era soldado. Ora, soldado, naquelle tempo, era cousa de metter medo.

Quando D. Maria chegava a este ponto de suas meditações, abandonava-as, e continuava o seu rosario.

A comadre fazia quasi exactamente os mesmos calculos por sua parte, e tambem só esta unica difficuldade se antolhava á realisação de seus planos.

Emquanto estas duas pensavão, os outros dous obravão.

Luizinha e Leonardo havião reatado o antigo namoro; e quem quizer ver cousa de andar depressa é ver namora de viuva.

Na primeira occasião Leonardo quiz recorrer a uma nova declaração; Luizinha porém fez o processo summario, aceitando a declaração de ha tantos annos.

Sem que os vissem, vião-se os dous muitas vezes, e dispunhão seus negocios.

Infelizmente occorria-lhes a mesma difficuldade: um sargento de linha não podia easar. Havia talvez um meio muito simples de tudo remediar. Antes de tudo, porém, os dour

amavam-se sinceramente; e a idéa de uma união illegitima lhes repugnava.

O amor os inspirava bem.

Esse meio de que fallámos, essa caricatura da familia, então muito em moda, é seguramente uma das cousas que produziu o triste estado moral da nossa sociedade.

Só essa difficuldade demorava os dous. Entretanto o Leonardo achou um dia o salvaterio, e veio communicar a Luizinha o meio que tudo remediava: podia ficar elle sendo soldado e casar, dando baixa na tropa de linha, e passando-se no mesmo posto para as Milicias.

A difficuldade, porém estava ainda em arranjar-se essa baixa e essa passagem: Luizinha encarregou-se de vencer esse embaraço.

Um dia em que estava sua tia a rezar no seu roçario, justamente n'um daquelles intervallos de Padre-Nosso e Ave-Maria de que acima fallámos, Luizinha chegou a ella, e communicou-lhe com confiança tudo que havia, fazendo proceder sua narração da seguinte declaração, que cortava a questão pela raiz:

—Para lhe obedecer e fazer-lhe o gosto casei-me uma vez, e não fui feliz; quero ver agora se acerto melhor, fazendo por mim mesma nova escolha.

Em breve, porém, conheceu que fôra inutil sua precaução, porque D. Maria confessou que de ha muito ruminava aquelle mesmo plano.

Combináram-se pois as duas.

A bondade do major inspirava-lhes muita confiança, e sembláram-se por isso de recorrer a elle de novo.

Forão ter com Maria-Regalada, que mesmo na vespera lhes tinha mandado dar parte que se mudára da Prainha e offerecia-lhes sua nova morada.

A comadre, de tudo inteirada, fez parte da comissão.

Quando entrárão em casa de Maria-Regalada, a primeira pessoa que lhes appareceu foi o major Vidigal, e, o que é mais, o major Vidigal, em habitos menores, de rodaque e tamancos.

— Ah! disse a comadre em tom malicioso apenas, appareceu a Maria-Regalada, pelo que vejo isto por qui vai bem...

— Não se lembra, responde Maria-Regalada, daquelle segredo com que obtive o perdão do moço? Pois era isto!..

A Maria-Regalada tinha por muito tempo resistido aos desejos ardentes que nutria o major de que elle viesse definitivamente morar em sua companhia. Não attribuímos esta resistencia senão a *capricho* para não fazermos máo juizo de ninguem; o caso é que o major punha naquillo o maior empenho; teria lá suas razões.

O segredo que a Maria-Regalada dissera ao ouvido do major no dia em que fôra, acompanhada por D. Maria e a comadre, pedir pelo Leonardo, foi a promessa de que, se fosse servida, cumpriria o gosto do major.

Está pois explicada a benevolencia deste para com o Leonardo, que fôra ao ponto de, não só disfarçar e obter o perdão de todas as suas faltas, como de aleargar-lhe aquelle rapido accesso de posto.

Fica tambem explicada a presença do major em casa da Maria-Regalada.

Depois disto entrárão todos em conferencia. O major desta

vez achou o pedido muito justo, em consequência do fim que se tinha em vista. Com a sua influencia tudo alcançou; e em uma semana entregou ao Leonardo dous papéis: — um era a sua baixa de tropa de linha; outro, sua nomeação de Sargento de Milícias.

Além disto recebeu o Leonardo ao mesmo tempo carta de seu pai, na qual o chamava para fazer-lhe entrega do que lhe deixára seu padrinho, que se achiava religiosamente intacto.

Passado o tempo indispensavel do luto, o Leonardo, em uniforme de Sargento de Milícias, recebeu-se na Sé com Luizinha, assistindo á cerimonia a familia em peso.

Daqui em diante apparece o reverso da medalha. Seguiu-se a morte de D. Maria, a do Leonardo-Pataca, e uma enfiada de acontecimentos tristes que pouparamos aos leitores, fazendo aqui ponto final.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).